

UNIVERSIDADE DE LISBOA

**FACULDADE DE CIÊNCIAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**



**TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO: FALÁCIAS LÓGICAS DA NOVA
ORDEM MUNDIAL E A NECESSIDADE DE CULTURA CIENTÍFICA**

Lorella Ferrarezi Barbi

MESTRADO EM CULTURA CIENTÍFICA E DIVULGAÇÃO DAS CIÊNCIAS

**Dissertação orientada pelo Professor Doutor Jorge Manuel Rias Revez e pela Professora Doutora
Cecília Galvão**

2023

FICHA TÉCNICA

Modalidade de trabalho: Dissertação de mestrado

Título: Teorias da conspiração: falácias lógicas da nova ordem mundial e a necessidade de cultura científica

Autora: Lorella Ferrarezi Barbi

Orientadores: Professor Doutor Jorge Manuel Rias Revez e Professora Doutora Cecília Galvão

Identificação do curso: Mestrado em Cultura Científica e Divulgação das Ciências

Instituição: Universidade de Lisboa

Ano: 2023

N.º de páginas: 87

RESUMO

As Teorias da Conspiração (CT) são teorias que explicam de forma alternativa a realidade, através de argumentações que invocam emoções e identificação com os receptores da mensagem. Muitas vezes, essas teorias são otimizadas através do uso de falácias lógicas do pensamento, que são linhas de raciocínio não correspondentes à verdade. O objetivo é compreender como a argumentação em torno da teoria da conspiração da “Nova Ordem Mundial” pode ser utilizada para criar ferramentas de prevenção e de incremento da cultura científica. Os dados foram coletados através da observação de postagens realizadas em grupos do Facebook dedicados ao fomento da Teoria da Nova Ordem Mundial. Após coletadas as postagens, foram extraídas as falácias lógicas utilizadas pelos membros. Nesse trabalho, foi identificado o uso de 36 tipos de falácias diferentes, principalmente voltadas para a construção de um argumento sólido e que transmita a sensação de urgência. Conclui-se que os conspiracionistas costumam utilizar-se com frequência do uso de falácias, sendo que cada postagem possui em média 4 falácias. Conclui-se também que a cultura científica é uma ferramenta útil e válida para a criação de pensamento crítico e ferramentas que podem diminuir a incidência e os efeitos colaterais das teorias da conspiração.

PALAVRAS-CHAVE

Teorias da Conspiração; Falácia; Falácia Lógica; Desinformação; Infodemia; Nova Ordem Mundial.

ABSTRACT

Conspiracy Theories (CT) are theories that explain reality in an alternative way, through arguments that invoke emotions and identification with the receivers of the message. Often, these theories are optimized using logical fallacies of thought, which are lines of reasoning that do not correspond to the truth. The aim is to understand how the argumentation around the "New World Order" conspiracy theory can be used to create tools to prevent and increase scientific culture. Data was collected by observing posts made in Facebook groups dedicated to the promotion of the New World Order Theory. After collecting the posts, the logical fallacies used by the members were extracted. In this work, the use of 36 different types of fallacies was identified, mainly aimed at building a solid argument that conveys a sense of urgency. It is concluded that the conspirators frequently use fallacies, with an average of four fallacies per post. It is also concluded that scientific culture is a useful and valid tool for the creation of critical thinking and tools that can decrease the incidence and side effects of conspiracy theories.

KEYWORDS

Conspiracy Theories; Fallacy; Logical Fallacy; Disinformation; Infodemy; New World Order.

AGRADECIMENTOS

‘Nove flores me acompanham, nove velas me alumiam’

À minha família e amigos, que contribuíram com doses fundamentais de apoio, motivação e cuidado.

Ao meu orientador Jorge Revez que buscou ativamente me ajudar no desenvolvimento dessa pesquisa, de forma assertiva, empática e competente.

À minha coorientadora Cecília Galvão, que contribuiu de forma ímpar com o desenvolvimento do meu trabalho.

À todas as pessoas que contribuíram direta e indiretamente para o desenvolvimento desse trabalho.

SUMÁRIO

RESUMO	i
ABSTRACT	iii
AGRADECIMENTOS	v
SUMÁRIO.....	vii
LISTA DE SIGLAS	ix
LISTA DE SÍMBOLOS	xi
ÍNDICE DE FIGURAS	xiii
ÍNDICE DE TABELAS	xv
INTRODUÇÃO.....	1
1. TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO	5
1.1 Definições e fundamentos.....	5
1.2 O esforço do sigilo.....	8
1.3 A presciência na teoria da conspiração.....	9
1.4 Teorias mais prevalentes.....	9
1.5 Os números das teorias da conspiração	11
1.6 David Vaughan Icke	12
1.7 A crença em teorias da conspiração está aumentando?	13
1.8 Prejuízos que podem ser causados pelas teorias da conspiração	14
1.9 As falácias lógicas como base para o conspiracionismo	14
2. ANATOMIA DOS CONSPIRACIONISTAS.....	16
2.1 Perfil do conspiracionista.....	16
2.2 Porque as pessoas acreditam em teorias da conspiração?.....	18
2.3 Benefícios psicológicos experienciados pelos conspiracionistas.....	19
2.4 Dissonância Cognitiva	20
2.5 Radicalização	20
3. A TEORIA DA NOVA ORDEM MUNDIAL.....	23
3.1 Definições	23
3.2 Número de pessoas que acreditam.....	24
3.3 Antissemitismo, Racismo e Extremismo	25
3.4 Agenda 21, Agenda 2030 e a “dominação global”	26
4. DAS TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO À CULTURA CIENTÍFICA	28
4.1 Literacia Científica	28

4.2 A cultura científica e o pensamento crítico no combate do conspiracionismo.....	29
4.3 O papel das escolas na formação do pensamento crítico.....	30
4.4 O papel dos media na formação de pensamento crítico.....	32
4.5 Estratégias de cultura científica no combate à desinformação	34
4.6 Aplicação prática	35
5. LACUNAS A PREENCHER.....	37
5.1 Limitações da pesquisa em teorias da conspiração.....	37
4.2 Causalidade: um ponto cego da crença em teorias da conspiração	37
4.3 Bases fisiológicas em aberto	37
6. METODOLOGIA.....	39
6.1 Design	39
6.2 Fundamentação Teórica	39
6.3 Participantes.....	40
6.4 Análise de Dados	40
7. RESULTADOS	45
7.1 Extração dos dados	45
7.2 Principais dificuldades encontradas	45
7.3 Falácias identificadas	45
8. DISCUSSÃO.....	50
8.1 Limitações do estudo	55
8.2 Possíveis Soluções	55
CONCLUSÃO.....	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	59

LISTA DE SIGLAS

NOM – Nova Ordem Mundial

OMS – Organização Mundial da Saúde

EUA – Estados Unidos da América

LISTA DE SÍMBOLOS

Σ = Soma total

\pm = Desvio Padrão

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Jornalista afirma que os Estados Unidos da América já sabiam da existência do COVID-19 – página 9

Figura 2 - Objetivos da Agenda 2030 (Fonte: UNRIC, 2018) – página 25

Figura 3 - Publicações no Facebook com menção às Agendas 2015 e 2030 da ONU. (Fonte: Facebook) – página 26

Figura 4 - Fluxograma descritivo da metodologia (Fonte: Autora) – página 43

Figura 5 - Exemplos de estratégias anti-conspiração (Fonte: Autora) – página 53

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Lista das 53 falácias investigadas e suas definições – página 39

Tabela 2 – Quantidade de falácias identificadas nas postagens analisadas – página 44

Tabela 3 - Falácias, suas incidências e % referente ao número total de falácias – página 46

INTRODUÇÃO

Uma Teoria da Conspiração (TC) é o conjunto de hipóteses que tem como objetivo principal explicar, de forma simples, acontecimentos ou sequências de acontecimentos, relacionados entre si ou não. Em comum, essas teorias culpabilizam sempre um indivíduo ou um grupo que é responsável pela planificação e execução de um planejamento macabro, muitas vezes desenhado para dominar o mundo, exterminar uma população ou substituir pessoas por inteligência artificial (Moulding et al., 2016; van der Linden, 2015; van Linden et al., 2015).

De uma forma geral, as pessoas que acreditam nas teorias da conspiração são tratadas como chacota ou como um grupo a se desprezar ou ridicularizar. Porém, o assunto pode ser mais sério do que um grupo de crentes da ideia de que a Terra é plana: as teorias da conspiração estão associadas a problemas sociais, ambientais e psicológicos, além de propiciar um indivíduo a colaborar com movimentos radicais e até a perpetrar crimes (Coelho et al., 2022; Uscinski et al., 2022a; van Prooijen, 2022). A crença nessas teorias tem levado pessoas a cometer crimes em nome de “quebrar o sistema implantado”, o que, na prática, significa muitas vezes atuar violentamente contra “os inimigos” (Jolley & Paterson, 2020; van Prooijen, 2022). Pode-se citar, por exemplo, o caso de Igor Lanis, que em 2022 matou sua esposa e atentou contra seus filhos motivado por TC (Pitcavage, 2022) e da tragédia, em 2022, na qual cinco membros de uma família na Suíça cometeram uma tentativa de suicídio coletiva, deixando quatro mortos – entre eles, a filha de 8 anos. Esse segundo caso foi motivado pela tentativa de “proteger a família da dominação das autoridades” (Foulkes, 2023).

Visto isso, este tema deve ser olhado de forma cuidadosa e proativa, com o objetivo de angariar dados, interpretá-los e devolver à sociedade possíveis soluções que possam prevenir esse tipo de crenças e, conseqüentemente, a radicalização e o cometimento de crimes.

Dentro desse panorama, um dos principais meios utilizados pelos conspiracionistas para a propagação de ideias são as redes sociais: nesse ambiente, os conspiracionistas podem se encontrar, compartilhar ideias, desenvolver linhas de raciocínio e até criar supostas “provas” da existência dos planos macabros. Porém, com o aumento do acesso à internet, esses grupos podem estar bem longe de terem atingido seu máximo potencial de conversão. Com o aumento de usuários e maior possibilidade de expressar as próprias opiniões, as redes sociais se tornaram um ambiente perfeito para a instalação das teorias da conspiração.

O número de usuários cadastrados nas redes sociais é crescente: dados do primeiro semestre de 2022 concluíram que 4,70 bilhões de usuários estão nas redes sociais – algo que representa aproximadamente 59% da população mundial. Sobre o nível de atividade, estima-se que 90% dos usuários da internet também sejam usuários de alguma rede social e visitem cerca de 7,4 plataformas diferentes durante um mês. Ainda sobre o nível de atividade, estima-se que uma pessoa passe em média 2,5 horas ao dia navegando por suas redes sociais (DataReportal, 2022).

Uma das funções das redes sociais é permitir a interação das pessoas, independente do compromisso com a verdade. Assim, é possível inferir que muitas das mensagens enviadas sejam produzidas por pessoas que não têm exatamente habilidades para diferenciar uma informação que tenha sido obtida de forma científica ou não. Todos esses fatores fazem com que exista uma cultura problemática de emissão de mensagens falsas e de caráter conspiratório.

Atualmente, existem dezenas de teorias da conspiração circulando nas redes sociais. Embora existam esforços para suprimir a ocorrência de *fake news*, um dos principais veículos das TC, por parte das plataformas, o número de informações ainda é bastante elevado e os usuários têm criado ferramentas de camuflagem para evitar a detecção do conteúdo, utilizando anagramas ou enigmas. Dentre as principais TC, está a teoria da Nova Ordem Mundial (NOM), segundo a qual, supostamente, um grupo está arquitetando um plano maligno para dominar o mundo e escravizar toda a população que não seja a elite planejadora.

O problema que motivou o desenvolvimento desse trabalho foi entender como os conspiracionistas estão utilizando ferramentas argumentativas para se manifestar nas redes sociais e como a cultura científica e o pensamento crítico podem minimizar ou mitigar essa incidência.

Este trabalho surge da seguinte pergunta de partida: quais são as principais falácias lógicas utilizadas nas argumentações pró teoria da conspiração e como a cultura científica pode criar ferramentas para reduzir o conspiracionismo? A partir disso, o objetivo principal foi compreender como a argumentação em torno da teoria da conspiração da “Nova Ordem Mundial” é realizada e a partir disso, como podem ser criadas ou inseridas ferramentas de cultura científica, que permitam a redução do efeito das crenças conspiratórias. Como primeiro objetivo específico, buscou-se também nomear e quantificar as principais falácias de argumento lógico utilizadas pelos membros de grupos do *Facebook* dedicados à TC “Nova Ordem Mundial” e como

segundo objetivo específico, entender como a cultura científica pode reduzir o pensamento conspiracionista e criar um ambiente mais propício ao pensamento crítico e cético.

Este estudo também foi motivado pela necessidade de entender, por um prisma diferente, as TC. Sabendo que elas têm um potencial, inclusive letal, quanto mais informações houver sobre os comportamentos e *modus operandi* de participantes desses movimentos, maiores as hipóteses de sucesso no combate à propagação de informações baseadas em pensamento conspiratório. Acredita-se que uma boa ferramenta para o pensamento crítico seja, justamente, a imersão em cultura científica – embora ainda haja controvérsia nesse campo – e por isso esse trabalho é motivado por entender como se desenvolve a dinâmica entre o pensamento estruturado científico e a incidência de TC.

Esta dissertação possui nove capítulos principais:

1. Teorias da Conspiração: neste capítulo são discutidas as principais definições, mecanismos de funcionamento, número de pessoas que acreditam nelas, nomes de personagens ilustres no campo das TCs, análises do crescimento e, por fim, quais os maiores problemas associados a essas crenças.

2. Anatomia dos Conspiracionistas: nesse capítulo o objeto principal de estudo é a pessoa que acredita em teorias da conspiração: quais são os perfis mais prevalentes, os principais motivos encontrados para que uma pessoa acredite nessas teorias, os benefícios psicológicos que justificam essas crenças, além da discussão de fatores frequentes nessas pessoas, como é o caso da dissonância cognitiva e outros fatores a se considerar na radicalização de conspiracionistas.

3. Teoria da Nova Ordem Mundial: no terceiro capítulo serão apresentadas informações específicas sobre a teoria estudada por essa dissertação: o que é, quem acredita, quem é mais propenso a acreditar, quais as relações entre os conspiracionistas dessa teoria e grupos de extremismo e violência, além da inserção e discussão de uma pauta bastante presente entre os conspiracionistas da NOM, como é o caso das agendas de sustentabilidade da ONU.

4. Das Teorias da Conspiração à Cultura Científica: neste capítulo serão abordados os pontos fundamentais sobre a cultura científica: literacia científica, pensamento crítico, como as escolas e os comunicadores podem contribuir com a redução dos efeitos colaterais das teorias da conspiração e como podem ser executados os esforços contra o conspiracionismo.

5. Lacunas a se preencher: o quinto capítulo está dedicado aos pontos e perspectivas futuras da teoria da conspiração. Aqui, descrevem-se os pontos que ainda estão em aberto e indica-se o caminho para novas pesquisas que serão úteis na área das TCs.

6. Metodologia: Esse capítulo é dedicado a explicar como foram coletados, interpretados e analisados os dados utilizados nesse trabalho

7. Resultados: Nesse capítulo são expostos os resultados encontrados após a coleta e análise dos dados: o número de falácias, quais foram elas, sua incidência ao longo das postagens e outras identificações importantes.

8. Discussão: Esse capítulo é dedicado à apresentação e confronto dos achados desse trabalho e dos achados por outros autores na mesma grande área. São apresentadas as limitações de forma mais detalhada e, sugeridas possíveis estratégias para mitigar o conspiracionismo.

9. Conclusão: Por fim, apresentam-se aqui as informações as quais os autores chegaram através da aplicação da metodologia e análise dos resultados.

10. Bibliografia: Nesse capítulo são elencadas as referências bibliográficas utilizadas para a elaboração desse trabalho.

Espera-se, com a finalização desse trabalho, agregar novos conhecimentos neste campo de estudos, que sejam especialmente úteis para o combate ou a redução dos efeitos colaterais das teorias da conspiração, mais especificamente, a da Nova Ordem Mundial.

1. TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO

1.1 Definições e fundamentos

Teoria da conspiração é o nome dado ao conjunto de suposições que objetivam explicar eventos passados, presentes e futuros, liderados sempre por um grupo, organização ou indivíduo, que estão planejando secretamente alcançar um objetivo macabro (Moulding et al., 2016; S. van der Linden, 2015; S. L. D. van Linden et al., 2015).

Uma teoria da conspiração tem seus alicerces em dados incorretos, falácias lógicas para explicar o desconhecido, crenças em ordens secretas e superiores, desconfiança do óbvio e um viés de que sempre existem intenções secretas nos bastidores dos acontecimentos mundiais (Moulding et al., 2016; Wood & Douglas, 2013). Por exemplo: uma pandemia viral nunca é apenas uma consequência do acaso após uma sucessão de adaptações biológicas que aconteceram na natureza e, sim, uma parte de um plano macabro que tem como objetivo instalar *chips* nas pessoas. Atrás de todo o facto, se esconde sempre uma intenção proposital de uma pessoa ou de um grupo.

Um dos fatores que contribui para a manutenção das teorias da conspiração é a história envolvida na explicação: muito mais encantadora do que a realidade, a explicação de um acontecimento pelo viés do conspiracionista desperta muitas emoções. Além disso, são fornecidas supostas provas dessa história, muitas vezes reafirmadas por ‘autoridades’ no tema (Byford, 2011; Tennent & Grattan, 2022).

A crença central é que existe um grupo dominador que faz parte de um conglomerado de outras células, que são centralmente controladas pelos *Illuminati*. Os *Illuminati* seriam a maior hierarquia de controle, sendo responsáveis pela manipulação das esferas sociais como o mercado financeiro, educação, consumo de bens e serviços, crimes, religiões e escolhas. Sobre isso, acredita-se que as opções atuais disponíveis no mundo já são dadas e pensadas previamente por esse grupo (Bergmann, 2018). Para exemplificar, os planos funcionariam na seguinte lógica:

“O plano é implantar microchips nos seres humanos para exercer controle social.

Passo 1. Criar um grande evento que predisponha a necessidade da implantação de algo.

Passo 2. Através da manipulação da mídia e governos, criar uma notícia que induza o pensamento de que existe um vírus mortal e que este precisa ser prevenido através de vacinação

Passo 3. Os indivíduos terão que escolher entre ‘se vacinar e não morrer’ ou ‘não se vacinar e morrer’

Passo 3. Implantar o chip através da vacinação

Passo 4. Iniciar o controle através da programação do chip.”

Dentre as características mais prevalentes, existe entre os conspiracionistas uma percepção de padrões, que jamais ocorrem ao acaso, mas sim, de forma calculada e planejada (Byford, 2011; Ladini, 2022; van Prooijen & Douglas, 2018a).

Essa percepção de padrões é um acontecimento da psicologia social e está baseada em alguns pilares:

- Insegurança: a insegurança criada pelas teorias da conspiração é capaz de impactar a vida das pessoas, que mudam seu modo de se relacionar em prol das crenças novas;

- Universalidade: existem evidências de teorias da conspiração acontecendo nas mais diferentes épocas, entre diferentes populações e culturas;

- Emoção: pessoas ficam mais suscetíveis a teorias da conspiração quando estão sob influência de emoções negativas, como o medo;

- Social: a crença nas teorias é muito dependente do relacionamento entre indivíduo e o seu contexto social de inserção (van Prooijen & Douglas, 2018a).

As teorias da conspiração são talvez tão antigas quanto a própria comunicação humana: existem indicações de que elas já eram utilizadas como forma de proteção nas populações primitivas (van Prooijen & Douglas, 2018a). Porém, em momentos de crise, o número e a relevância dessas teorias têm um aumento expressivo, principalmente motivadas pelo medo e instabilidade dessas situações (Ripp & Röer, 2022). Foi possível observar um número grande de alegações durante a pandemia do COVID-19: criação proposital do vírus, instauração do comunismo, implantação de *chips* para roubos de informações individuais, extermínio mundial, etc.

As teorias da conspiração apresentam níveis diferentes de impacto na sociedade. Como exemplo, é possível citar teorias que afirmam que Elvis Presley está vivo, que o homem jamais pisou na lua (Wood & Douglas, 2013), que o atentado terrorista de 11 de setembro nos Estados Unidos foi planejado pelo governo do próprio país (Olmsted, 2019), que a terra é plana (Břízová et al., 2018) ou até a existência de sociedades secretas, como os reptilianos ou os Illuminati (Lienesch, 2002).

Explicações conspiracionistas sempre têm como ponto central de argumentação um grupo inimigo que deseja o controle. Um dos embates sobre isso acontece, justamente,

pela característica oculta desse inimigo: embora os conspiracionistas nomeiem os responsáveis pelos grupos, a manutenção da conspiração depende de que esse mesmo grupo esteja sempre em segredo. Desse modo, é possível entender a conspiração criada em torno de associações de pessoas que mantenham suas atividades restritas aos participantes, como por exemplo a Maçonaria, organizações mundiais (como a ONU), religiões (como o judaísmo) e até mesmo certas localizações (como a área 51, *Wall Street*) (Byford, 2011; Erokhin et al., 2022; Ladini, 2022).

Uma característica interessante sobre isso é que, embora os indivíduos do grupo possam ser totalmente diferentes, os conspiracionistas atribuem-lhes uma identidade maligna. Um exemplo bastante lúdico é a famosa “*Big Pharma*”, nome dado à entidade que representa uma suposta reunião de toda a indústria farmacêutica, cujo objetivo é a criação e a disseminação de doenças com o objetivo de controle social. Desse modo, independente da pessoa, instituição ou intenção, todos os membros trabalham em unidade pelo mesmo objetivo, garantindo a mimetização de milhares de pessoas em uma só (Byford, 2011; Ladini, 2022).

Além da própria personificação, os conspiracionistas costumam utilizar imagens, associações, símbolos e até adornos como “provas” da existência desses grupos (Byford, 2011). Por exemplo, é muito comum encontrar afirmações de que o jogador de futebol Lionel Andrés Messi seja um dos líderes dessas organizações, utilizando como “prova” o facto de o mesmo ter uma tatuagem que é comumente associada aos *Illuminati*. A hashtag #elanticristomessi conta, em março de 2023, com mais de 21,1 milhões de visualizações na rede social TikTok (TikTok, 2023). É muito comum que desenhos ou símbolos sejam adotados para relacionar supostos participantes à suposta elite planejadora. Assim, se fica decidido que um triângulo com olho dentro é o símbolo dos *Illuminati*, todas as pessoas que utilizam esse símbolo podem estar associadas ao grupo. Como visto, as informações publicadas têm o potencial de atingir centenas e até milhões de pessoas.

Atualmente, vive-se um dos momentos com maior número de informações disponibilizadas. Porém, isso não parece ser o suficiente para conscientizar algumas pessoas: se por um lado nunca houve uma época com tamanho acesso à informação, por outro, a internet e as redes sociais deram voz para pessoas que criam teorias com base em saltos lógicos e em misticismo.

1.2 O esforço do sigilo

Uma grande pauta entre teóricos é a constante necessidade de ocultação dos líderes dos grupos planejadores. Ou seja, dentre as maiores preocupações estão entender, exatamente, como essas pessoas conseguem se manter em sigilo e operando a realização dos planos de dominação global. Inclusive, esse ocultismo garante a característica pseudocientífica das afirmações: é impossível refutá-las ou falseá-las se o objeto em questão é algo desconhecido (Byford, 2011).

Segundo os conspiracionistas, elites ocultas trabalham de forma assídua para manipular a população sem serem descobertas. Um fator interessante é sobre a plausibilidade das alegações, que parecem se relacionar com a dimensão do plano de controle. Isso é dizer que existe uma proporção entre o tamanho do plano de dominação e a realidade do método utilizado: quanto maior o plano de escravização populacional, mais realista parece ser sua explicação sobre ele (Byford, 2011). Utilizando ainda o mesmo exemplo da sessão anterior, é como dizer que essas elites manipulam a mídia para aumentar a percepção de gravidade da doença, induzindo que as pessoas se vacinem.

Além disso, muitos conspiracionistas acreditam que o poder se mantém nas mãos de certos grupos por meio de corrupção e conhecimento de informações não disponibilizadas para a sociedade fora dessa bolha. Embora os segredos não possam ser revelados, os planos precisam ser executados e para isso são utilizadas as mais diversas metodologias: de hipnose a telepatia, passando pela implantação de *chips*, códigos de barras e utilização de tecnologias que ainda nem estão disponíveis (Butter & Knight, 2023; Byford, 2011; Tennent & Grattan, 2022).

Uma ferramenta muito utilizada na manutenção do ocultismo das supostas elites são as perguntas retóricas. Aqui, um conjunto de perguntas sem resposta são lançadas com o objetivo de insinuar uma suposta verdade secreta (Byford, 2011). Por exemplo, ao invés de afirmar que as pessoas estão tendo *chips* implantados em si através da vacinação, se realizam perguntas como: “alguém sabe realmente do que são compostas as vacinas?”, “e se estivessem usando as vacinas para veicular *chips*?”, “qual o verdadeiro interesse dos governos em fornecer a vacinação gratuitamente?”. Desse modo, o questionamento se torna uma indução, criando-se uma cortina de fumaça para disfarçar as verdadeiras intenções do mensageiro.

1.3 A presciência na teoria da conspiração

Presciência é o conhecimento antecipado de eventos que acontecerão no futuro. Esta é uma ferramenta bastante utilizada entre os conspiracionistas, que usualmente explanam sobre o tema, apresentando inclusive provas de que algumas pessoas sabiam do acontecimento antes dele acontecer.

Como exemplo, é possível citar os ataques terroristas do 11 de setembro de 2001 às torres gêmeas nos EUA, evento que muitas pessoas acreditam fazer parte de um plano maligno de dominação. Como prova de presciência, algumas pessoas alegam que autoridades foram orientadas a não voar na data, pois já sabiam que o evento aconteceria (Banco, 2020; Butter, 2020; Butter & Knight, 2023; Byford, 2011)

A presciência é algo tão importante que pode ser vista em quase todas as teorias, sendo uma das bases mais utilizadas na argumentação. Um exemplo disso pode ser visto na Figura 1, na qual um jornalista colombiano afirma que os Estados Unidos, com o envolvimento de Bill Gates, estavam encobrindo a origem da COVID-19.]

Figura 6 - Jornalista afirma que os Estados Unidos da América já sabiam da existência dao COVID- 19



Fonte: Twitter

1.4 Teorias mais prevalentes

Os dados disponíveis sobre as teorias da conspiração ainda são controversos. Enquanto alguns autores indicam a existência de centenas, os dados sobre o número de conspiracionistas de cada teoria podem ser bastante diversos. Ainda assim, essa seção tem como objetivo expor as teorias da conspiração com maior incidência na literatura.

As teorias da conspiração estão presentes nas mais diversas áreas da sociedade: tragédias, economia, saúde, ciência, relacionamentos, tecnologias, espionagem, vida extraterrestre, entre outros.

Dentre as teorias mais citadas e pesquisadas estão as seguintes:

- Existe uma sociedade secreta chamada Illuminati que domina todas as coisas que acontecem no planeta;
- A terra é plana;
- Existe uma Nova Ordem Mundial, composta por comitês de pessoas que tomam a decisão por todos os outros cidadãos do mundo;
- Os maçons controlam secretamente todas as atividades financeiras do planeta;
- O homem jamais pisou na Lua;
- Judeus estão se articulando há muitos anos para atingir a dominação mundial;
- A “Big Pharma” já tem a cura para todas as doenças, porém não as divulga para manter seus ganhos financeiros;
- O aquecimento global é algo inventado;
- O novo coronavírus foi inventado e implantado na sociedade;
- O novo coronavírus sequer existe;
- O atentado de 11 de setembro às torres gêmeas foi planejado pelo próprio governo norte americano;
- A família Rothschild mantém o domínio sobre as principais decisões de saúde e financeiras do mundo;
- John F. Kennedy foi assassinado de forma proposital por elites secretas;
- Existem extraterrestres que tomam a forma humana para ocupar grandes cargos;
- Pessoas brancas estão sendo substituídas por imigrantes para garantir a manipulação social;
- Elvis Presley e Michael Jackson estão vivos (Banco, 2020; Břízová et al., 2018; Butter, 2020; Butter & Knight, 2023; Byford, 2011; Hornsey, Bierwiazzonek, et al., 2023; Imhoff et al., 2022; Ladini, 2022; Lienesch, 2002; Łowicki et al., 2022; Moulding et al., 2016; Wood & Douglas, 2013).

1.5 Os números das teorias da conspiração

Aparentemente, os Estados Unidos são o país que mais divulga pesquisas epidemiológicas sobre o tema. Sendo assim, existem alguns dados obtidos através de censo que são interessantes.

As estatísticas sobre crenças nos *Illuminati* são interessantes: uma pesquisa realizada em 2019 com 1220 pessoas, nos Estados Unidos da América, mostrou que 9% dos entrevistados acreditam fortemente que o mundo é secretamente controlado por esse grupo. 12% acreditam um pouco, enquanto 23% relatam que não acreditam e nem desacreditam e 37% dos entrevistados disseram que desacreditam fortemente (Statista Research Department, 2022).

Outro dado diz respeito à crença nessas teorias: dados do mesmo país indicam que 73% da população acredita que essas teorias estão fora do controle, enquanto 59% parecem acreditar que, atualmente, as teorias são mais críveis do que há 25 anos atrás. Quase $\frac{3}{4}$ dessas pessoas, nomeadamente 73%, acreditam que esse aumento em crenças conspiratórias tenha uma participação importante da mídia (Uscinski et al., 2022a).

Um estudo desenvolvido nos EUA mostrou que 71% das pessoas conheciam a teoria de que o vírus tinha sido planejado por uma elite com objetivo de dominação mundial. No mesmo estudo, 28% das pessoas nunca tinha ouvido falar nessa hipótese. Dentre os 71% que já ouviram falar, 8% acreditam que é definitivamente verdade, 28% que provavelmente é verdade, 28% que provavelmente não é verdade, 23% que definitivamente é uma falácia e 13% não tem certeza se o vírus foi ou não planejado (Mitchell et al., 2020).

Uma pesquisa canadense realizada com 1500 adultos, em maio de 2022, mostrou que 44% (após ajuste estatístico, representativo de 13 milhões de adultos) da população acredita que guerras e resultados de eleições são controlados por elites que trabalham de forma oculta da sociedade civil. 37% acreditam que um grupo secreto está tentando substituir nativos por imigrantes que votem a favor de determinadas ideologias políticas. Além disso, 20% das pessoas que responderam à pesquisa disseram que é verdade ou provavelmente verdade que o Fórum Econômico Mundial é composto por pessoas que tem como objetivo a implantação de ideias de dominação (Abacus Data, 2022).

Outro estudo foi realizado em 2021 com 26276 adultos em 24 países de cinco continentes. Quando perguntados se existe um grupo que governa secretamente o mundo e determina os acontecimentos, 13,1% ($\pm 8,35$) dos entrevistados acreditam que isso é verdade, enquanto 19,1% ($\pm 10,8$) dizem que essa afirmação é provavelmente verdadeira

e 14,6% ($\pm 10,1$) diz que essa afirmação é definitivamente falsa. Dentre os cinco países que mais acreditam que a teoria é verdadeira estão Quênia (34%), África do Sul (30%), Índia (20%), México (19%) e Peru (18%). Os países que menos acreditam que essa teoria é verdadeira são Dinamarca (3%), Grã-Bretanha (4%), Japão (3%), Suécia (7%) e Alemanha (8%). Sobre o oposto, dentre os 5 países que mais acreditam que a teoria é falsa estão Dinamarca (38%), Suécia (36%), Grã-Bretanha (28%), Alemanha (25%) e Austrália (24%). Os países que menos acreditam que essa teoria é falsa são Quênia (3%), Nigéria (3%), África do Sul (3%), Indonésia (4%) e Turquia (6%). Esses dados são interessantes e nos permitem observar diferenças significativas segundo a região pesquisada (YouGov, 2021).

1.6 David Vaughan Icke

David Icke é bastante conhecido entre os conspiracionistas como um importante teórico da conspiração. Desde os anos 90 do séc. XX, o britânico dissemina informações antisemitas, violentas e ofensivas, ganhando notoriedade no cenário conspiratório. Sua atuação continua ainda nos dias de hoje, embora David tenha sido banido do Twitter e do Facebook, graças a publicações que violavam as regras de uso da comunidade (BBC News, 2022).

David ficou conhecido nos anos 90 por disseminar a ideia de que o mundo estava sendo manipulado por uma elite (comumente citando os Illuminati), que estava impedindo a liberdade e desenvolvimento do planeta Terra (Bergmann, 2018; Byford, 2011).

Desde o ataque terrorista do 11 de setembro nos EUA, o autor iniciou uma movimentação com o objetivo de “desmascarar” essa suposta elite, que, segundo ele, provocou voluntariamente os ataques com o objetivo de dominar o mundo e escravizar a população através da implantação de uma nova ordem de controle mundial. Muitos autores indicam que David foi o grande catalizador das teorias de dominação global e um dos maiores difusores da teoria da Nova Ordem Mundial (Bergmann, 2018; Byford, 2011).

Durante a pandemia da COVID-19, Icke voltou a ter relevância social, novamente devido ao discurso conspiracionista, quando alegou que o vírus foi espalhado através da tecnologia de transmissão de dados móveis 5G, sob influência de uma elite judia. Em 2022, o autor foi banido de viajar por dois anos para a Holanda e com possível extensão para outros 25 países do espaço Schengen. A justificativa utilizada pelo governo é que

sua presença poderia causar embates, desinformação e risco à saúde pública, uma vez que o mesmo viajaria para participar em manifestações contra as medidas de segurança propostas para frear a evolução do novo coronavírus (BBC News, 2022).

Um dos grandes clássicos do autor é o livro *“And the Truth Shall Set You Free”*, no qual explana sobre o que chama de realidade do mundo, onde sociedades secretas ditam exatamente o rumo da sociedade.

1.7 A crença em teorias da conspiração está aumentando?

Embora as redes sociais tenham permitido um aumento na velocidade da disseminação das notícias, não existem evidências de que o número de teorias ou teóricos estejam aumentando. Uma das barreiras encontradas para a quantificação do número de conspiracionistas se encontra, justamente, na falta de uma metodologia mais eficiente do que a observação. A identificação do número de pessoas ainda é algo muito limitado e pouco explorado (Uscinski et al., 2022).

Outra limitação importante nesse campo é que existem imensas quantidades de teorias. Desse modo, para avaliar o crescimento no número de conspiracionistas, é necessário desmembrar cada uma delas e aplicar uma estatística específica e precisa. Além de isolar cada uma das teorias, é necessário avaliar as diferentes populações ao redor do mundo. Outro ponto de atenção é o intervalo de tempo ao qual serão aplicadas as avaliações a título de comparação: uma teoria pode perdurar por décadas, anos ou até meses, dependendo de sua relevância social e temática abordada. Vistas todas essas variáveis, é complexo afirmar que existe um aumento ou queda no número de conspiracionistas (Uscinski et al., 2022).

Pesquisas sistemáticas sobre o tema demonstram que não é possível afirmar que, atualmente, existam mais teorias da conspiração do que no passado. Um grande estudo que reuniu dezenas de milhares de dados em sete países diferentes mostra que não houve aumento no número significativo das crenças nessas teorias. Dentre as 52 teorias investigadas, foram encontradas reduções mais significativas do que aumentos no quesito crença. Mesmo assim, os autores salientam que os números existentes hoje já são um importante sinal de alerta para a sociedade, que deve realizar esforços para reduzir sua incidência (Uscinski et al., 2022).

Estudos apontam que a atenção às teorias da conspiração foi maior nos últimos 10 anos e um dos grandes contributos para isso foi a internet. Ainda assim, não existem evidências estatisticamente significativas que comprovem que as pessoas da atualidade

acreditem mais do que acreditavam há algumas décadas. Como era de se esperar, o tempo e a intensidade da crença foram alterados segundo a teoria pesquisada, porém, quando analisado o conjunto, o número de crentes em teorias da conspiração permaneceu estável (Uscinski et al., 2022b).

1.8 Prejuízos que podem ser causados pelas teorias da conspiração

A crença em teorias da conspiração pode acarretar prejuízos sociais, ambientais e psicológicos. Dentre os principais, reduzir a saúde e o bem-estar por más escolhas e degradar as relações sociais, além de favorecer o aparecimento de movimentos politicamente extremistas e violentos (Coelho et al., 2022; Uscinski et al., 2022a; J.-W. van Prooijen, 2022).

Sobre impactos sanitários, uma metanálise recente mostrou que conspiracionistas tendem a ser mais relutantes às medidas de segurança contra a infecção do vírus Sars-Cov-2, se posicionando principalmente contra a vacinação e o distanciamento social. Além disso, muitas vezes procuram tratamentos alternativos, que geralmente são ineficazes e podem trazer riscos à saúde (Bierwiazzonek et al., 2022). É importante salientar que esses resultados se repetem também em estudos sobre vacinas contra outras doenças (Coelho et al., 2022).

Essas crenças parecem, inclusive, aumentar sentimentos como insegurança, estado de alerta e transtornos relacionados à ansiedade. Outro problema apontado por alguns autores é que conspiracionistas têm maior instabilidade no emprego, mais estigmatização e isolamento social (Tennent & Grattan, 2022; van Prooijen, 2022).

Mesmo que os malefícios sejam grandes e inclusive apresentem risco de vida, alguns autores apontam que acreditar e praticar informações obtidas pode gerar benefícios psicológicos, o que explicaria a adesão e a continuidade dos teóricos da conspiração.

1.9 As falácias lógicas como base para o conspiracionismo

Os seres humanos são dotados da capacidade de organizar eventos de forma a criar uma linha argumentativa, independente da função dessa argumentação. A observação, análise e construção da argumentação depende de fatores intrínsecos e extrínsecos do produtor da mensagem, como o objetivo por trás da transmissão e o sistema de crenças (Bennett, 2015).

Segundo o dicionário, a palavra “falácia” vem do latim *fallacia*. Tem, em português, os seguintes significados:

1. *“Qualidade daquilo que é falaz; engano, falsidade, logro, burla.*
2. *Segundo o aristotelismo, espécie de raciocínio que, a despeito da aparência de verdade, é falso ou equivocado; sofisma.*
3. *Denominação atribuída, pelos escolásticos, ao silogismo sofisticado de Aristóteles, caracterizado pela falsa aparência de veracidade, mas que se constitui em um argumento artificioso que engendra erro”* (Michaelis, 2023).

Basicamente, uma falácia lógica diz respeito a linhas de raciocínio que induzem ao erro por desrespeitar ou ignorar a lógica. Por induzir ao erro, entende-se criar um raciocínio errado (Bennett, 2015; Sourati et al., 2023). Pode-se citar, como um exemplo:

- Apelo à natureza: “A maconha não causa problemas de saúde porque é natural, não tem aditivos”

Ao se realizar essa afirmativa, ignora-se o fato de que existem substâncias prejudiciais nativas da natureza, ignoram-se todos os estudos que comprovam os efeitos deletérios da maconha, ignora-se toda a problemática de sua distribuição, entre outras evidências científicas. Todas essas informações ficam ignoradas e fica assumido de que tudo que vem da natureza é superior e inofensivo.

Uma das ferramentas mais utilizadas para “provar” a existência de uma teoria da conspiração são justamente as falácias lógicas. A utilização das falácias lógicas dentro da argumentação da teoria da conspiração é algo de grande incidência e mais: parece ter uma relação simbiótica (Bennett, 2015).

Graças a grande prevalência dessas falácias nos discursos conspiracionistas, os indivíduos que desejem lidar com esse objeto de pesquisa devem ser capazes de identificá-las.

2. ANATOMIA DOS CONSPIRACIONISTAS

2.1 Perfil do conspiracionista

Os estudos acerca das crenças em teoria da conspiração são relativamente novos, sendo que a maior parte das publicações sobre o assunto só começaram há vinte anos. Desde então, as pessoas foram divididas em dois grupos: os conspiracionistas e os convencionalistas, sendo o primeiro grupo aquele que acredita em teorias da conspiração e o segundo, o que acredita nas vias convencionais de informação (Wood & Douglas, 2013).

Muitos motivos podem levar uma pessoa a se tornar conspiracionista, mas foram encontradas algumas características mais prevalentes nesse grupo. Sabe-se que existem vieses em diferentes campos, principalmente os ideológicos, religiosos, ambientais e sociais. É comum encontrar predisposições, como a desconfiança nas autoridades civis, baixa autoestima, crenças no místico e sobrenatural, sensação de impotência e falta de controle, transtornos de personalidade esquizotípica (Hornsey, Pearson, et al., 2023; Imhoff et al., 2022; Wood & Douglas, 2013), predisposição a falácias (Brotherton & French, 2014), religiosidade (Łowicki et al., 2022; Wabnegger et al., 2021), autopercepção de grandeza e maior narcisismo, tanto individual quanto coletivo. Características comportamentais como busca de emoções intensas e necessidade de combate ao tédio também aparecem listadas entre características emocionais de grande parte dos conspiracionistas (Schöpfer et al., 2023; van Prooijen, 2022).

Além disso, países com menor corrupção parecem ter menor incidência de conspiracionistas (. van Prooijen, 2022). Inclusive, alguns líderes utilizam a propagação de teorias da conspiração para reafirmar seus próprios interesses, sendo motivados, principalmente, por desmerecer seus oponentes; excitar seus seguidores; transferir responsabilidades e reduzir a credibilidade de instituições que possam ameaçar sua influência (Harmon-Jones & Mills, 2019).

Outra informação interessante sobre o perfil de conspiracionistas é que grande parte dessas pessoas passou por privação de algum tipo de recurso material, físico ou social (J.-W. van Prooijen, 2022).

Estudos indicam ainda que, dentre os teóricos da conspiração, é comum encontrar pessoas que apoiam suas conclusões em pensamentos rápidos, automáticos e intuitivos, porém pouco analíticos da realidade e mais influenciado pelas emoções. Além disso, uma confiança exagerada na própria percepção ao invés da consideração de

dados de realidade pode contribuir para o sentimento de ameaça e perigo social, o que torna as pessoas propensas à criação de explicações alternativas (Molenda et al., 2023).

Os altos níveis de desconfiança, inclusive, se manifestam na interação social dessas pessoas, que segundo análises, passam mais tempo desmentindo as informações oficiais do que argumentando a favor das próprias crenças (Wood & Douglas, 2013).

Estudos mostraram, ainda, que o extremismo político (em ambos os espectros políticos) pode influenciar os níveis de crenças em CT. A correlação por trás desse achado é que pessoas com o pensamento inflexível e que buscam explicações para os acontecimentos do mundo tendem a buscar respostas mais simples e emocionantes. Além disso, dependendo do polo político radicalizado (direita ou esquerda), as teorias mais prevalentes são diferentes (J. W. van Prooijen et al., 2015).

Outra característica é o posicionamento conspiracionista. É comum encontrar pessoas que acreditam em diversas teorias simultaneamente e inclusive, uma pessoa que acredite em uma teoria parece ter maior propensão a acreditar em outras (Imhoff et al., 2022; Wood & Douglas, 2013). Além disso, parece haver um modo conspiratório de pensar, que predispõe o indivíduo a tirar conclusões baseadas em regras lógicas inadequadas, experiências prévias mal elaboradas e uma percepção tendenciosa, tanto em teorias da conspiração quanto em decisões da vida cotidiana. É comum que essas pessoas não acreditem no acaso e sim, que os desfechos das situações seguem planos previamente elaborados por alguém ou alguma organização – comumente, o governo, indústria farmacêutica, sociedades secretas etc. Assim, a literatura atual sugere que os conspiracionistas tendem a apresentar vieses de raciocínio e heurística (Brotherton & French, 2014; Rutjens & Većkalov, 2022), apresentando comumente comportamentos de desconfiança sobre discursos oficiais enquanto têm certa facilidade para acreditar em discursos alternativos (Wood & Douglas, 2013).

É importante salientar que essas características apresentam alta prevalência, mas isso não implica na existência de uma relação causal direta, sendo impossível afirmar, por exemplo, que toda pessoa com as características citadas nesse subcapítulo será uma conspiracionista. Além disso, é importante salientar que os estudos apresentados nessa seção mostram correlação, o que é diferente de causalidade. Assim, com as evidências atuais, é impossível pacificar o assunto, afirmando que determinada característica causa de forma linear o pensamento conspiratório.

2.2 Porque as pessoas acreditam em teorias da conspiração?

Aparentemente, muitas pessoas acreditam nas teorias da conspiração porque encontram conforto e benefícios emocionais nesse ato – sobre os benefícios emocionais, o tema será abordado no subcapítulo 2.3. Existe um certo protagonismo no ato de trazer uma “verdade” à tona, experimentado como uma forma de obter relevância social (Farinelli, 2021).

Existem muitos motivos que levam as pessoas a acreditar em uma teoria da conspiração. Pode ser que ela combine com suas ideologias políticas e morais, além de ser uma explicação mais empolgante da realidade (Farinelli, 2021; Molenda et al., 2023).

Outro ponto que parece ser relevante para que as pessoas acreditem em teorias conspiratórias é a necessidade de explicação e atribuição de culpa: eventos traumáticos e catastróficos podem se tornar mais aceitáveis se houver um culpado nos bastidores (Farinelli, 2021; Molenda et al., 2023; Schöpfer et al., 2023). Culpar outras pessoas pelas tragédias pode ser inclusive uma forma de reduzir a própria responsabilidade sobre mudanças comportamentais que precisam acontecer (Brotherton, 2017).

Além disso, pessoas com menores habilidades para lidar com o estresse tendem a acreditar mais em teorias da conspiração quando estão sob iminência ou consequência de um evento estressante. Sendo assim, a ansiedade é um traço encontrado com frequência em pessoas que acreditam em teorias da conspiração. Assim, um dos motivos que pode levar uma pessoa a buscar uma explicação alternativa (conspiração) para um evento pode ser a inabilidade de lidar com o estresse (Molenda et al., 2023).

Embora não seja possível generalizar ou explicar a crença em conspirações de forma simples, muitos estudos falam em uma desregulação emocional dentre os conspiracionistas. A regulação emocional é o processo psicológico pelo qual um ser humano cognitivamente estável consegue entender e controlar suas emoções para ter funcionalidade. Essa regulação parece ter efeito genético e neurológico, com influência da socialização. Sendo assim, espera-se que uma pessoa que tenha boa regulação emocional seja capaz de conceber, adequar e dar uma resposta proporcional a um evento (Molenda et al., 2023).

Ainda sobre a regulação emocional, excesso de ansiedade ligado à sensação de ameaça e perda do controle são dois fatores bastante prevalentes nos grupos conspiratórios. A incapacidade emocional de lidar com acontecimentos desagradáveis pode ser um dos motivos que leva as pessoas a acreditar em teorias da conspiração. Essa teoria explicaria, por exemplo, o facto de eventos catastróficos piorarem a propagação de

conspiração: quanto maior a ameaça, maiores os níveis de ansiedade e por consequência, maiores as hipóteses de explicações alternativas (Molenda et al., 2023).

Outro ponto que pode levar as pessoas à crença é a necessidade de significado: por significado entende-se como a pessoa se posiciona sobre o propósito da própria existência. Estudos já revelaram alta prevalência de pessoas que buscam por um propósito dentro de grupos conspiratórios (Schöpfer et al., 2023).

2.3 Benefícios psicológicos experienciados pelos conspiracionistas

Existem hipóteses interessantes sobre o ato de acreditar em conspirações: primeiramente, pode ter surgido pela necessidade de sobrevivência de caçadores coletores, que ao criar histórias, aumentavam suas hipóteses de lidar com os riscos de viver na época (van Prooijen, 2022).

Observando a atualidade, a inserção dessas pessoas em grupo pode aumentar a sensação de pertença e poder, mesmo que estudos apontem que conspiracionistas possam ter menores oportunidades no mercado de trabalho e relevância social em um contexto geral (Rutjens & Većkalov, 2022; . van Prooijen, 2022).

Aparentemente, o conforto emocional vem da sensação de negação da realidade, mesmo que o desconforto gerado pela desconfiança em autoridades seja algo igualmente angustiante para essas pessoas. Estudos apontam que os benefícios são maiores que os malefícios: a partir da criação de uma realidade paralela, os conspiracionistas podem ganhar protagonismo através de três mecanismos:

1. Sentimento de importância e heroísmo como forma de reafirmação da própria identidade;
2. Permite a racionalização de seus medos e comportamentos; mesmo que os “factos” não possam ser comprovados ou falseáveis;
3. Conspirar parece ter conteúdo de entretenimento, uma vez que propõe uma realidade paralela mais emocionante (J.-W. van Prooijen, 2022).

Outro achado importante é que, aparentemente, a busca por propósito parece ser mais prevalente em pessoas que conspiram, quando comparadas às pessoas que apenas “vivem a vida”. Assim, é possível inferir que nessa população específica, a TC seria útil também para preencher um vazio existencial. Esse preenchimento seria benéfico emocionalmente do ponto de vista da criação de protagonismo social: se o indivíduo sabe um segredo, ele poderá ser o mensageiro que irá produzir a mudança social e protagonizar efeitos positivos no mundo (Schöpfer et al., 2023).

Além das hipóteses acima indicadas, existem ainda outras linhas de investigação e teorias sobre as características psicológicas dos conspiracionistas, como o conceito da dissonância cognitiva.

2.4 Dissonância Cognitiva

Em 1957, o psicólogo norte-americano Leon Festinger descreveu pela primeira vez o fenômeno psicológico que chamou de dissonância cognitiva (Cooper & Carlsmith, 2001; Harmon-Jones & Mills, 2019; Kitayama & Tompson, 2015).

A dissonância cognitiva é o conflito entre a intersecção de diversas esferas de uma pessoa: o que se pensa, se sente e se faz. De forma teórica, acontece quando o indivíduo tem crenças incoerentes e por isso, sente-se cognitivamente desconfortável, o que o faz buscar outra crença que seja mais confortável emocionalmente (Cooper & Carlsmith, 2001; Harmon-Jones & Mills, 2019; Kitayama & Tompson, 2015).

Basicamente, diz respeito a uma pessoa tentando racionalizar seu comportamento, um fenômeno muitas vezes encontrado entre os conspiracionistas (J.-W. van Prooijen, 2022). Esse fenômeno pode ter diversos níveis e depende muito das crenças e comportamentos de cada pessoa (Harmon-Jones & Mills, 2019).

Esse é um ponto importante, uma vez que as teorias da conspiração são influenciadas pelo modo como as pessoas recebem e interpretam as evidências científicas disponíveis sobre o tema. Estudos apontam que a crença nessas teorias parece estar relacionada com o nível de alienação individual e tem um fator de identificação social (LEMAN & Cinnirella, 2013). Além disso, um estudo mostrou que conspiracionistas estão mais propensos a manifestar sua dissonância dentro de grupos digitais de fomento à sua teoria favorita, o que pode aumentar ainda mais o engajamento nas mesmas (Phadke et al., 2021). Além disso, os níveis de dissociação podem impelir uma pessoa à radicalização.

2.5 Radicalização

Tão importante quanto a satisfação pessoal gerada pelas teorias da conspiração, o processo pelo qual se dá a radicalização também é algo que vem sendo estudado e teorizado.

Radicalização é o processo psicológico no qual uma pessoa se torna inflexível, intolerante a diferentes ideias e disposta à violência para defender suas ideias. Esse processo pode ser motivado ou acelerado pela interação entre si e a sociedade, pela

percepção de ameaça e por ameaças reais. Muitas vezes, a radicalização surge como uma antecipação ao perigo, numa forma de proteger os seus do mal antes mesmo que o mal os atinja (Liu et al., 2022).

Sentimentos de propósito, relevância social, raiva e significado gerados pela suposta descoberta do plano maligno e caótico deixam o conspiracionista propenso à radicalização. Além disso, experiências de ridicularização ou humilhação parecem reforçar ainda mais o extremismo, indicando que existe um fator bastante importante que entrelaça as crenças e a busca por significado e propósito (Jolley & Paterson, 2020; J.-W. van Prooijen, 2022).

Um dos problemas gerados pelo extremismo e pela radicalização são os ataques violentos direcionados aos supostos “grupos secretos de dominação global”. Como as TC são baseadas, fundamentalmente, na “luta” entre dominadores e dominados, as características preconceituosas e antisemitas podem motivar atos criminosos que são empregados com a justificativa de “mudar o mundo”.

Estudos apontam que o contato frequente com teorias da conspiração pode aumentar os sentimentos de que as regras sociais são inexistentes ou estão sendo desintegradas. Esse sentimento, por sua vez, parece facilitar o comportamento violento e criminoso nas pessoas. A violência parece ser uma saída considerada para os conspiracionistas, uma vez que seria um caminho para desafiar as “elites que estão por trás das tragédias”. Alguns autores demonstraram que as TC podem ser fatores motivadores de crimes, uma vez que desenvolvem uma narrativa convincente para tal: um inimigo comum, a geração de ansiedade, a necessidade de protagonismo e a violência como ferramenta (Jolley et al., 2019; Jolley & Paterson, 2020).

Durante os últimos anos, aconteceram diversos crimes, principalmente na América do Norte, Europa e Oceania, onde os autores referenciavam teorias da conspiração. Um relatório sobre os assassinatos cometidos em razão de extremismo nos EUA mostrou que dentre as principais motivações de crimes estão a supremacia branca, extremismo antigovernamental e teorias da conspiração de extrema direita. Por exemplo, dos 25 crimes motivados por extremismo no ano de 2022, pelo menos 1 deles foi motivado por crenças em TC: em 11 de setembro de 2022, Igor Lanis assassinou sua esposa, feriu uma das filhas e matou o cachorro da família a tiros, motivado por crenças conspiratórias (Pitcavage, 2022).

Outro crime motivado por TC aconteceu em Buffalo, em 2022. Payton S. Gendron, de 18 anos, entrou em um supermercado e abriu fogo deixando 10 mortos e 3 feridos.

Investigações concluíram que ele era um radicalizado da TC da “Grande Substituição”, uma teoria do século 20 que afirma que existe um plano onde imigrantes do Oriente Médio e África deverão substituir os brancos, levando à extinção da etnia (Acevedo et al., 2022).

Outra tragédia consequente da crença em TC aconteceu na Suíça, em março de 2022. Nesse evento, cinco membros de uma família – incluindo uma criança de 8 anos e um adolescente de 15 anos – cometeram uma tentativa de suicídio após envolvimento em teorias da conspiração. A mãe e sua irmã gêmea acreditavam que esse seria o único caminho para proteger sua família “das autoridades”, que geravam uma profunda desconfiança em ambas. Infelizmente, quatro membros morreram e apenas o adolescente sobreviveu (Foulkes, 2023) .

Sobre os atos violentos, em 2019, o FBI emitiu um documento dizendo que “muito provavelmente” as teorias da conspiração inspiram atos terroristas. Além disso, emitiu um alerta referindo a importância do controle desse aspecto nas redes sociais, uma vez que esse é um local onde provavelmente serão criadas, espalhadas e aumentadas as teorias da conspiração (FBI, 2019).

A ponte entre a radicalização e a execução de crime parece ser a raiva. Conspiracionistas com personalidade paranóica, quando acometidos por raiva, parecem ser os mais propensos a cometer crimes. Porém, esse é um campo ainda por explorar, com poucas evidências e poucas certezas. Sendo assim, são necessários mais estudos na área que permitam descobrir a verdadeira causalidade entre todos os fatores (Jolley & Paterson, 2020).

3. A TEORIA DA NOVA ORDEM MUNDIAL

3.1 Definições

A teoria da conspiração da Nova Ordem Mundial (NOM) consiste na afirmação de que existe uma elite que deseja atingir a dominação global através de manipulações midiáticas, econômicas, sanitárias e tecnológicas. Basicamente, as pessoas que acreditam nessa teoria afirmam que existe um grupo por trás de todos os acontecimentos do mundo, que programam todos os acontecimentos com o objetivo de implementar um único governo, que deverá escravizar e dominar a outra parcela da população (Bodner et al., 2020; Institute for Strategic Dialogue, n.d.).

Embora essa teoria seja muito confundida com a crença nos *Illuminati*, a teoria da NOM diz respeito ao objetivo final das elites. Exemplificando: existe um grupo de pessoas que domina o mundo (crença em sociedades secretas) e existe o objetivo final desse grupo (crença que existe manipulação para instaurar um novo modelo de mundo conhecido como NOM) (Institute for Strategic Dialogue, n.d.).

Segundo os conspiracionistas, algumas instituições estão diretamente ligadas à implementação do plano – mesmo que isso não seja um consenso. Enquanto algumas pessoas acreditam ser o grupo A a dominar, outras acreditam ser o B e assim sucessivamente. Os grupos mais comumente citados como os facilitadores / implementadores da NOM são: a ONU, os Rothschilds, Bill Gates, George Soros, Klaus Schwab, Lionel Messi e outras sociedades secretas não nomeadas. Além de pessoas / entidades, são citadas técnicas como a implementação de *microchips* e a criação de situações de caos social (Bodner et al., 2020; Institute for Strategic Dialogue, n.d.; Thomas & Zhang, 2020). Como é comum encontrar em outras teorias da conspiração, os membros desse grupo também apresentam respostas/explicações simples para problemas demasiado complexos e que exigiriam estudos e considerações de diferentes prismas (Farinelli, 2021). Por exemplo: “o governo quer implantar um programa de dominação mundial para escravizar a população através da implantação de *chips* via vacinação. Por isso, criaram a história de que existe um vírus causando uma pandemia”. Isso explicaria de forma simplória todos os recortes de uma pandemia: o uso de recursos animais, a fiscalização sanitária, a mutação viral, a morte massiva de seres humanos, a imunologia, entre outras dezenas de campos. Sendo assim, parece muito mais simples acreditar que há uma entidade promovendo o problema, ao invés de entender as informações já conhecidas sobre essa problemática.

Um dos fatores que estimula o aumento no número de adeptos dessa teoria é o funcionamento das redes sociais: como os conteúdos são programados para serem exibidos segundo os interesses dos indivíduos, ao acessar um conteúdo sobre o assunto, o algoritmo já inicia a introdução de milhares de outros materiais de cunho parecido (Flores, 2022). Sendo assim, ao iniciar a busca por um grupo específico que se reúna para discutir o assunto, o usuário é bombardeado com outras centenas de lugares com a mesma discussão.

Embora as redes sociais tenham feito esforços no sentido de excluir grupos ou postagens com conteúdo conspiratório e de *fake news*, nem sempre os mecanismos de filtro conseguem ser eficientes. Isso acontece, principalmente, porque muitas vezes os autores das postagens utilizam siglas, palavras com números e conteúdo implícito. Desse modo, eles são capazes de defraudar a fiscalização das redes sociais (Flores, 2022).

3.2 Número de pessoas que acreditam

Até a data atual, não foram encontrados números exatos sobre o a quantidade de conspiracionistas dessa teoria em específico. Existem censos epidemiológicos mostrando o número de conspiracionistas em outras crenças, como por exemplo o QAnon e o terraplanismo. Porém, os dados sobre teóricos da NOM são bastante escassos.

Embora não seja exatamente sobre a contagem de conspiracionistas, um compilado inglês publicado em 2010 mostrou os principais grupos que incluem discursos relacionados à NOM, sendo eles, nomeadamente (Bartlett & Miller, 2010):

- *Aryan Nations*

Se trata de uma organização neonazista com ação desde 1970. Nas duas décadas subsequentes, o grupo foi bastante ativo e teve seu declínio em 2004 com a morte do fundador. Os valores principais são a supremacia branca, o extremo nacionalismo e o antissemitismo (BALCH, 2006; Bartlett & Miller, 2010).

- *National Revolutionary Faction*

Se trata de uma organização anarquista dos Estados Unidos que atua desde 1996. Os valores principais rondam em torno do combate ao capitalismo e marxismo e a defesa do anarquismo (Macklin, 2005).

- *Imperial Klans of America (Ku Klux Klan) e organizações associadas*

Aparentemente se trata do grupo de ódio mais antigo dos Estados Unidos da América. O grupo parece ter ganhado força em três momentos distintos, sendo os principais logo após a Guerra Civil, no começo da década de 1920 e depois na década de

1960. Os valores principais defendidos são ódio à população afrodescendente, imigrantes, judeus e membros da comunidade LGBTQIAP+ (McVeigh & Estep, 2019; Schmitz, 2016).

Um ponto que dificulta determinar exatamente as narrativas é a grande variabilidade de discursos, que podem ser diferentes inclusive dentro de um mesmo grupo. Sendo assim, é bastante complexo isolar um argumento e atribuí-lo a x ou y teoria.

3.3 Antissemitismo, Racismo e Extremismo

A teoria da NOM ganhou notoriedade, principalmente, em grupos de extrema direita e é comum encontrar discursos com apelo à tradição e conservadorismo dentro dessas organizações. São utilizadas diversas narrativas, principalmente baseadas na proteção do *status* privilegiado já adquirido e também na inflexibilidade contra mudanças sociais que têm acontecido. Neste ponto, é importante salientar que a teoria da conspiração não é algo exclusivo da extrema direita, sendo que posicionamentos mais radicais dentro de direita e esquerda parecem similarmente aumentar a inclinação para crenças conspiratórias (Farinelli, 2021).

Alguns autores dizem que a radicalização é um ponto que deixa uma pessoa vulnerável à manipulação, pela visão de que o mundo só se divide em “bom” ou “mal”(Farinelli, 2021) – podem ser obtidas mais informações sobre esse assunto no capítulo 2: ANATOMIA DOS CONSPIRACIONISTAS. Olhando pelo ponto de vista mais radical, se a crença é a superioridade em ser branco, cisgênero, europeu e religioso, o contrário disso deve ser sempre censurado e limitado.

Essa censura, comumente, é feita com técnicas de desvalidação e anulação da humanidade do grupo “mal”, algo que infelizmente já foi visto em outras situações catastróficas ao longo da história (Farinelli, 2021).

Dentre essas narrativas, uma das mais presentes entre os conspiracionistas da NOM é o anti-semitismo. Com frequência são utilizados discursos de ódio alegando principalmente que o grupo secreto de controle mundial é composto por judeus que têm como objetivo principal a escravização humana. Essa narrativa já foi registrada inclusive no séc. XIX, demonstrando se tratar de um assunto antigo (Institute for Strategic Dialogue, n.d.). Muitas vezes, as alegações são usadas para implantar o medo e reduzir a humanidade do grupo “opositor”, sendo descritos inclusive cenários hipotéticos como o Governo de Ocupação Sionista, pelo qual elites judaicas controlam o mundo e seus acontecimentos (Farinelli, 2021).

Com frequência, os judeus são acusados de dominar o mundo usando a maçonaria como meio; controlar a imprensa para manter o monopólio de pensamento e informações, controlar a economia, reduzir o poder das igrejas e criar eventos catastróficos que deixem o mundo em necessidades extremas.

3.4 Agenda 21, Agenda 2030 e a “dominação global”

A Agenda 21 é um documento que resultou de conferências com diversos líderes mundiais que se comprometeram a tornar suas práticas mais sustentáveis para o futuro. Criada em 1992, o objetivo era delinear planos que melhorassem as condições de vida humanas, incluindo acesso à saúde, educação, distribuição de renda e também o desenvolvimento sustentável da exploração de recursos naturais (United Nations Division, 1992). Em 2015, foi proposta outra agenda com o mesmo objetivo, porém alinhada à realidade e possibilidades atuais dos 193 países membros, chamada Agenda 2030 (UNRIC, 2018). Os objetivos, também de melhoria social podem ser contemplados na imagem abaixo:

Figura 7 - Objetivos da Agenda 2030 (Fonte: UNRIC, 2018)



O ponto de interseção é que é extremamente comum encontrar alegações de que a produção das agendas esconde objetivos obscuros de dominação mundial, através da reunião de líderes de diversos países. Muitas publicações encontradas em grupos de teorias da conspiração dissertam sobre as agendas da ONU: enquanto a Agenda 21 já esteve em prática com o objetivo de iniciar os planos de dominação, a Agenda 2030 seria

a continuação desse objetivo. Para os conspiracionistas, o programa tem como objetivo real o controle social e as metas são elaboradas para cumprir objetivos macabros, como é possível observar na ilustração abaixo (Fig. 3).

Figura 8 - Publicações no Facebook com menção às Agendas 21 e 2030 da ONU. (Fonte: Facebook)



Alguns conspiracionistas alegam que o design do programa é baseado em corrupção governamental, midiática, econômica e dos direitos individuais. Toda a manipulação seria programada para desenvolver o controle social e garantir que os objetivos de escravização sejam atingidos. Além disso, essas pessoas acreditam que uma das metas é obter o monopólio sobre os recursos naturais, ar, terra e águas do planeta (Lauren E. Cagle, 2019).

4. DAS TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO À CULTURA CIENTÍFICA

4.1 Literacia Científica

A preocupação com o entendimento social da ciência já tem registros desde 1958, quando os primeiros autores começaram a levantar essa necessidade do que se chama hoje “literacia científica” (Li & Guo, 2021).

Embora existam diferentes definições, muitas convergem para a mesma base: literacia científica diz respeito ao conhecimento da ciência e da metodologia científica (Li & Guo, 2021). O objetivo desse conhecimento é permitir que as pessoas tomem suas decisões com base em evidências científicas e não em “achismos” ou opiniões. A literacia científica dá respaldo para a interpretação de dados, racionalização dos mesmos e resulta em escolhas mais conscientes e acertadas, acarretando menos prejuízos para si e para a sociedade.

Existem alguns aspectos envolvidos na literacia científica, sendo eles:

1. O entendimento de como se produz a ciência;
2. A capacidade de aplicar conceitos científicos na rotina;
3. O conhecimento dos passos para se produzir um conhecimento científico;
4. A adoção de valores científicos na vida prática;
5. A crença na construção de conhecimento e aprendizagem;
6. A valorização dos achados científicos em detrimento das conclusões puramente lógicas e sem aplicação de metodologia (Li & Guo, 2021)

De forma geral, se trata do conhecimento sobre processos, limitações e aplicações daquilo que se descobre a partir da aplicação de métodos íntegros e com o menor número possível de vieses.

Alguns autores indicam que a comunicação de ciência tem um papel fundamental na generalização da literacia científica. Porém, isso deve estar adaptado a cada cultura, uma vez que diferentes populações tendem a receber de forma diferente uma mesma informação e estão mais suscetíveis a mudar um comportamento segundo suas próprias ferramentas. Isso permite inferir que o ambiente no qual uma pessoa está inserida pode ser um facilitador / dificultador da própria literacia científica, pensando principalmente na disponibilidade de recursos ambientais, sociais, econômicos, familiares, educacionais, etc. (Li & Guo, 2021).

Um exemplo de literacia científica é a capacidade de encontrar, interpretar e aplicar as informações publicadas em um artigo. Um exemplo prático: foi publicada uma

revisão sistemática de excelente qualidade concluindo que a duloxetina é o único fármaco recomendado para o tratamento de dor crônica em pacientes adultos. Por maior que seja a qualidade do artigo, se o leitor não souber interpretar seus dados, ou seja, se ele não tiver literacia científica, dificilmente saberá o que fazer com essas informações. Assim, poderá achar apropriado, por exemplo, a prescrição desse fármaco para idosos, sendo que esse grupo não estava incluído nos testes de eficácia do medicamento. O entendimento sobre os bastidores da produção científica e a aplicação da interpretação ativa são ferramentas importantíssimas para a tomada de decisões em todas as áreas da vida e são ainda mais fundamentais na presença de publicações de má qualidade, notícias, diagnósticos médicos e, finalmente, na crítica às teorias conspiratórias.

Se tornar uma pessoa “cientificamente letrada” depende da busca ativa por conhecimento e pelo entendimento dos processos envolvidos no ato de “fazer ciência de qualidade”. Uma pessoa cientificamente letrada consegue identificar e diferenciar informações científicas das não científicas, consegue argumentar de forma científica, consegue questionar inclusive dados provenientes de estudos e conhece também os benefícios e riscos provenientes dela (Yacoubian, 2018).

4.2 A cultura científica e o pensamento crítico no combate do conspiracionismo

A cultura científica pode ser definida pela capacidade de resolver problemas baseando-se na análise racional, na investigação e na utilização de pensamento crítico. Dentre o conceito, também se encontra a capacidade de fazer experimentos e extrair conclusões através dos dados resultantes desses experimentos. De forma resumida, a cultura científica tem como base identificar informações com base no conhecimento da verdade (Yuan, 2022). Sabendo que ela está apoiada em pilares que envolvem a busca ativa pela verdade e a utilização de raciocínio, o pensamento crítico deve ser uma ferramenta essencial na cultura científica.

Uma importante valência humana é o pensamento crítico, que pode ser definido como o uso de ferramentas cognitivas para estruturar uma linha de pensamento proposital, fundamentada e direcionada para a resolução assertiva de um problema ou formulação de hipóteses (Lun et al., 2023; Zhang et al., 2023).

Inteligência e pensamento crítico são coisas diferentes: enquanto o primeiro é mais ligado a uma valência herdada e com pouca possibilidade de manipulação, o pensamento crítico pode ser treinado e aprimorado através de ferramentas pedagógicas.

A possibilidade de desenvolver o pensamento crítico tem sido objeto de estudos que têm como objetivo identificar quais os pontos que devem ser treinados: psicologicamente, pessoas mais abertas a novas experiências e preocupadas com a verdade são aquelas mais propensas a desenvolvê-lo. Então, além dos fatores aprendidos, existe uma influência do próprio modo de existir de cada ser humano (Lun et al., 2023).

4.3 O papel das escolas na formação do pensamento crítico

Compreender como a ciência é feita é de suma importância e contribui para o aprimoramento do senso crítico e da cultura científica. A união dos dois fatores pode dar ferramentas para que as pessoas estejam aptas a tomar boas decisões na própria vida e questionar as informações que recebem. Deste modo, unir pensamento crítico, cultura científica e literacia científica parece ser um bom caminho para uma sociedade menos conspiracionista.

O pensamento crítico é uma valência aprendida ao longo da vida. Porém, o aprendizado pode ser influenciado por uma série de fatores, sendo eles externos ou internos. Externamente, uma pessoa pode ter dificuldades para aprender dependendo de sua situação econômica ou financeira, além do próprio modelo educacional ao qual está sendo exposta. Internamente, o aprendizado pode ser influenciado pelas capacidades psicológicas, cognitivas, neurofisiológicas, vulnerabilidades, familiares e nível de motivação/capacidade de lidar com o estresse (Beltrán-Velasco et al., 2021; Kähler et al., 2020; Li & Guo, 2021). O aprendizado tem como locais protagonistas, principalmente se tratando da primeira infância, as escolas e a casa do aluno (Kähler et al., 2020). Deste modo, o ambiente formal acadêmico desempenha um papel importante na mediação entre uma pessoa e o conhecimento disponível.

Existem autores que defendem que quanto antes uma pessoa é exposta à literacia científica, maiores suas hipóteses de engajamento em boas escolhas e maiores suas hipóteses de ser um indivíduo propenso à científicas, o que poderá implicar, inclusive, o maior desenvolvimento social de um país. Esses mesmos autores acreditam fortemente que o ambiente escolar pode ajudar a reduzir as deficiências internas que possam afetar o aprendizado, tendo um papel decisivo na literacia científica de um indivíduo (Kähler et al., 2020).

A pandemia da COVID-19 escancarou a necessidade de literacia científica de base: além dos esforços para evitar a morte em massa da população, os cientistas também precisaram lidar com movimentos anti-ciência que, por sua vez, dificultaram a regressão da pandemia. Embora não seja apenas responsabilidade da escola, foram propostas ideias de melhoria nos currículos escolares, que permitissem que as crianças fossem expostas a conteúdos científicos e, com isso, objetiva-se a redução do negacionismo científico, propagação de *fake news* e desinformação. Após o evento pandêmico, diversos países e associações mundiais determinaram a importância de ensinar ciência como ferramenta de garantia da democracia e da tomada de decisões mais assertivas para o futuro da sociedade (Beltrán-Velasco et al., 2021; Valladares, 2021; Yacoubian, 2018).

Uma parte preocupante no tocante a esse assunto é que, aparentemente, as escolas vêm reduzindo o ensino de ciência conforme o passar dos anos. Além da proposta de aumentar o conteúdo na grade curricular, sugere-se ainda uma mudança na dinâmica do ensino: ao invés de acontecer de forma passiva, na dinâmica antiga de transferência de conhecimento do mestre ao aluno, sugere-se que o aluno seja estimulado a ter um comportamento proativo sobre as decisões que envolvem ciência. Embora isso seja desafiador e venha carregado de diversas limitações, é interessante que as escolas consigam desenvolver meios de fazer isso, sendo que deve ter como um dos valores centrais a autonomia do aluno (Valladares, 2021).

Alguns pontos que podem contribuir para a construção de um currículo voltado para o ensino de um pensamento científico e crítico são:

- O ensino deve promover diferentes modelos de aprendizagem, oferecendo aos alunos a possibilidade de tomar decisões com base em evidências científicas;
- O ensino deve propiciar aos alunos a possibilidade de debater, de forma a utilizar o pensamento crítico para tomar decisões em prol da justiça, igualdade e consciência social;
- Currículos com o objetivo de ensinar ciência precisam ter como prioridade o desenvolvimento de pensamento crítico e como segunda prioridade a tomada de decisões com base em evidências científicas (Yacoubian, 2018).

A escola pode desempenhar papéis profundos na formação de uma sociedade mais propensa à tomada de boas decisões e deve ensinar como obter, analisar, interpretar e aplicar os conhecimentos científicos. Assim, a literacia científica mediada pelas escolas

é de fundamental importância para evitar a propagação de desinformação e pode, inclusive, inibir pensamentos conspiratórios, uma vez que permitirá que uma pessoa questione as informações que está recebendo e, que saiba onde procurar informações corretas sobre o tema (Valladares, 2021; Yacoubian, 2018).

4.4 O papel dos media na formação de pensamento crítico

Graças ao crescente aumento do acesso à tecnologia, o papel dos meios de comunicação tem se tornado um divisor entre a informação e a desinformação. Inclusive, a discussão do papel dos media na construção do pensamento crítico tem sido alvo constante de discussões.

Um dos objetivos dos media é evitar colocar suas próprias crenças na informação que está sendo transmitida. Por outro lado, os media não são apenas o resultado daquilo que publicam (Peters & Dunwoody, 2016; Wolf M, 2006). Os media podem desempenhar um papel bastante importante na construção do pensamento crítico, uma vez que são ainda uma das fontes nas quais as pessoas buscam por informações, sendo elas verdadeiras ou falsas (Li & Guo, 2021).

A comunicação pode reduzir a distância entre o conhecimento adquirido dentro das universidades e a população que está fora delas, principalmente quando se trata da comunicação feita via internet. Atualmente a internet é um local de busca ativa por novas informações e durante a pandemia se mostrou uma importante ferramenta de compartilhamento de *fake news* e de informações verdadeiras, muitas vezes mediadas pelos media (González-Padilla & Tortolero-Blanco, 2020).

O modo como a notícia é retratada pode modificar o comportamento de uma comunidade (Wang et al., 2015). Porém, aqui há uma dicotomia: por um lado, as pessoas se tornam mais capazes de tomar decisões sobre um problema, por outro, quando a notificação mediática acontece de forma dúbia, existe maior estigmatização de certas informações, o que indica que o papel dos media pode surtir efeitos de forma diferente em cada indivíduo (Anwar et al., 2020; Peters & Dunwoody, 2016; Tran, 2013). Ao receber uma informação, os indivíduos tendem a compará-la com as experiências prévias da própria vida e, inclusive, gerar argumentos baseados em conhecimento empírico para refutar ou corroborar com o que está sendo dito (Anwar et al., 2020; Peters & Dunwoody, 2016).

O modo como a população recebe uma notícia influencia como as pessoas criam suas dúvidas. Essas incertezas podem ser externas (respingam sobre eventos que não se controlam, que dependem do ambiente em que a população está inserida – por exemplo: a informação que está sendo dita por um cientista) ou internas (dizem respeito aos empirismos de cada pessoa, segundo seus pré-conceitos sobre o assunto – por exemplo: como cada pessoa julga segundo suas experiências) (Peters & Dunwoody, 2016).

Um fator a ser considerado é que os recetores da mensagem receberão a informação segundo múltiplos fatores, incluindo fortemente suas próprias características psicológicas – sabendo que os conspiracionistas apresentam naturalmente um comportamento conspiracionista, a informação mediática pode ter um valor completamente para uma pessoa que acredita em teorias da conspiração e uma que não. A mensagem chegará a cada pessoa segundo seu interesse pelo tópico, sua parcialidade e sua interpretação (Wolf M, 2006).

Outros achados mostram que as pessoas cumprem mais o recomendado quando leem notícias que lhes soam mais confiáveis - sendo citados como mais confiáveis os cientistas, órgãos oficiais de saúde e os médicos. Dentre os menos confiáveis, estão as redes sociais e os funcionários do governo. Ainda sobre credibilidade, parece haver uma relação entre menor sofrimento emocional e notícias de fontes aparentemente mais corretas: quanto maior a confiança na fonte, menos ansiosas as pessoas ficam (Arriaga et al., 2021).

Um fator que pode moldar a confiança pública nas medidas é o modo como a comunicação de ciência é feita: as pessoas parecem se importar com informações científicas, porém se frustram ao lidar com cobertura mediática de controvérsias científicas, especialistas se contradizendo, má conduta durante a produção científica e teorias da conspiração envolvendo empresas e cientistas (Blevins et al., 2021; Peters & Dunwoody, 2016).

Outro achado é que a utilização de mídias sociais aumenta a percepção de ameaça, induzindo que as pessoas executem mais as medidas preventivas recomendadas. Ainda sobre isso, a adesão a medidas preventivas parece aumentar quanto maior é a busca de uma pessoa por informação. Já aqueles indivíduos que preferem se manter alheios a notícias demonstraram-se menos receptivos à comportamentos preventivos (Arriaga et al., 2021; Peters & Dunwoody, 2016).

Dadas todas essas informações, fica claro o papel dos media na construção do pensamento crítico. Por outro lado, a mensagem que será recebida também dependerá dos

recursos internos do receptor da mensagem – o que, novamente, permite inferir que mais importante do que a mensagem recebida é a literacia científica de quem vai ser exposto à mensagem.

4.5 Estratégias de cultura científica no combate à desinformação

Algumas estratégias estão disponíveis – e aqui é importante salientar que assim como os argumentos conspiracionistas e o conhecimento difere entre cada pessoa, assim funcionam as estratégias para lidar com a desinformação. Não há uma estratégia correta ou superior e o público alvo da ação pode beneficiar, inclusive, da flexibilização ou combinação delas. Essas estratégias de desmistificação podem estar a nível individual ou social, sendo as individuais (Roozenbeek et al., 2022):

a) Boosting: o objetivo nessa estratégia é emancipar os indivíduos para que estes se tornem aptos a fazer as próprias escolhas de forma consciente e baseada em evidências científicas. Nessa técnica, o objetivo principal é a redução da suscetibilidade à desinformação. Para isso, podem ser usadas as seguintes valências:

- **Prebunking e inoculação**: tem como premissa a prevenção. Significa, sobretudo, avisar as pessoas que uma informação é errada antes que essa informação ganhe grande destaque;
- **Pensamento crítico**: o pensamento crítico também tem como objetivo empoderar uma pessoa perante as informações que recebe, sendo que uma pessoa crítica é capaz de questionar informações, analisar argumentos, buscar e avaliar informações para determinar se são verdadeiras ou não;
- **Literacia mediática**: esse tópico diz respeito à crítica das pessoas em relação às notícias ou matérias que recebem através dos media. É a capacidade de saber quando uma propaganda é mentirosa, quando algo é manipulado de forma artificial ou quando as matérias são escritas por pessoas que têm como objetivo ganhos próprios.

b) Nudging: nessa intervenção, o objetivo é a mudança de comportamento do indivíduo, sem que ele esteja vedado de nenhuma opção. Em comparação à técnica anterior, que tem como objetivo melhorar a capacidade crítica das pessoas, aqui o objetivo é mudar de facto o comportamento. Assim como o *boosting*, está escorado em alguns pilares:

- Precisão primária: aqui, o objetivo é justamente fazer com que as pessoas avaliem de forma crítica uma informação antes de compartilhá-la, o que já foi demonstrado reduzir informações de má qualidade circulantes.

- Ajustes de normas sociais: Essa estratégia também tem como objetivo a mudança de comportamento, porém enfatizando o papel social do mesmo. Por exemplo: seria explicar a uma pessoa que as pessoas responsáveis não compartilham conteúdo sem verificar sua veracidade antes.

c) Debunking: Essa estratégia tem como objetivo desmentir informações mentirosas ou erradas. É uma das estratégias mais comuns, uma vez que já existe algo concreto a se trabalhar sobre. Essa abordagem tem como pilar:

- Checagem/Correção de factos: o objetivo dessa abordagem é apresentar uma informação falsa e desmenti-la utilizando factos ou críticas, indicando as técnicas utilizadas para fraudá-la ou manipulá-la. Consiste, basicamente, em desmentir uma desinformação circulante.

d) Rotulagem de Conteúdo: O objetivo dessa intervenção é adicionar marcas nos conteúdos de forma a notificar que se trata de uma desinformação. A sugestão é realizar a mesma ação, de duas maneiras diferentes:

- Rotulação automática: nesse caso, são utilizadas ferramentas de inteligência artificial para avaliar grandes volumes de informações. Muitas empresas de tecnologia que veiculam informações – como a Meta (gerenciadora do Facebook, WhatsApp, Instagram, entre outras) – tem utilizado essas automatizações para garantir que informações mentirosas carreguem legendas falando sobre a possibilidade de se tratar de uma notícia falsa. No caso de rotulagens automáticas, o conteúdo é moderado em grande escala a partir de indicativos de que pode ser uma informação falsa, permitindo a escalabilidade do processo.

- Rotulação manual: tem o mesmo objetivo, mas é feita por pessoas ao invés de inteligência artificial, o que é dificilmente escalável e sustentável (Roozenbeek et al., 2022).

4.6 Aplicação prática

Quanto mais informações sobre um objeto, maior a capacidade de lidar com os efeitos provocados por ele. Embora novas pesquisas possam mostrar que, de facto, sempre

existirão conspiracionistas irremediáveis, uma parcela dessa população poderá não surgir se aplicadas ferramentas corretas para tal.

Dados coletados nessas pesquisas podem ajudar na criação de políticas que visem prevenir o pensamento conspiratório, o que pode reverberar, futuramente, em menor incidência de crimes e exclusões sociais. Novamente, é importante salientar que as TC estão presentes em todas as culturas e por isso devem ser criadas ferramentas que impeçam ou reduzam os danos produzidos por elas.

Essas políticas devem ser baseadas em ferramentas que tenham evidências científicas como base. Nesse sentido, estudos na área da psicologia podem ser bastante úteis e colaborar com uma sociedade mais cética e analítica. Sobre isso, algumas intervenções experimentais mostram que o fornecimento de informações científicas é capaz de reduzir o pensamento conspiratório e contribuir com uma sociedade que tenha mais pensamento crítico (J. W. van Prooijen & Douglas, 2018b).

Políticas que melhorem a percepção de segurança também parecem ser funcionais contra a conspiração: se o medo e a insegurança provocam a necessidade de explicações alternativas, a segurança e o conhecimento podem ter o papel oposto, pelo menos em parte da população (J. W. van Prooijen & Douglas, 2018b).

Na prática, a redução das crenças diz respeito ao desenvolvimento de laços de confiança com as autoridades e as instituições que promovam o conhecimento. Assim, conhecer as ferramentas que melhorem a criação de laços entre a sociedade e os líderes é de suma importância e pode ser um fator de grande impacto contra as TC (J. W. van Prooijen & Douglas, 2018b).

No futuro, esperam-se desenvolver estudos que permitam a contenção da rejeição à evidências científicas e a incorporação de pensamento crítico e não conspiratório (Rutjens & Većkalov, 2022).

5. LACUNAS A PREENCHER

5.1 Limitações da pesquisa em teorias da conspiração

Dentre as maiores limitações existentes na pesquisa em teorias da conspiração está justamente a carência de material teórico que dê suporte à produção de ferramentas para o combate delas. É possível observar, por exemplo, muitos esforços no sentido de determinar o perfil e as crenças dos conspiracionistas, porém falta literatura que dê suporte a mudança desse cenário (J. W. van Prooijen & Douglas, 2018b).

Outra limitação é a ausência de estudos experimentais que sejam capazes de demonstrar como são as relações sociais dessas pessoas: se estar em um grupo gera altruísmo ou individualidade, em qual ponto ocorre a virada emocional para a radicalização, etc. (J. W. van Prooijen & Douglas, 2018b).

Outro ponto é entender quais os mecanismos fisiológicos envolvidos na crença, porém, ainda faltam dados mais assertivos sobre essas quantidades (J. W. van Prooijen & Douglas, 2018b). Alguns países têm investido mais em descobrir os números de conspiracionistas (Hornsey, Pearson, et al., 2023), mas a maioria ainda parece não dispender recursos para isso.

4.2 Causalidade: um ponto cego da crença em teorias da conspiração

Uma lacuna importante a preencher são os motivos exatos que levam uma pessoa a se tornar / se radicalizar em uma teoria da conspiração.

Sabe-se que a socialização deficitária tem grande impacto, mas isso não é um fator exclusivo e pesquisas futuras deverão determinar quais os processos psicológicos exatos que levam uma pessoa a desenvolver mecanismos conspiratórios de pensamento. No futuro, além de entender quais são os processos, saber quais pontos são mais ou menos relacionados também contribuirá para o combate à desinformação (J. W. van Prooijen & Douglas, 2018b).

4.3 Bases fisiológicas em aberto

Embora as emoções e benefícios psicológicos estejam em estudo, um ponto bastante importante e que carece de evidências são as bases fisiológicas da conspiração (Duch, 2021).

Sobre isso, acredita-se que características da amígdala (uma região do cérebro associada à iminência de perigo) podem tendenciar uma pessoa ao seu modo de pensar. Além dessa região, o córtex pré-frontal dorsolateral (DLPFC) também deveria ser investigado nesses grupos, uma vez que é ligado ao processamento cognitivo dos eventos da vida. Não menos importante, a atividade do sistema nervoso simpático, incluindo a síntese hormonal relacionada à segurança e perigo também são um ponto aberto na ciência (van Prooijen & Douglas, 2018).

Embora sejam controversos, alguns estudos apontam que é possível conseguir atividade neural segundo estímulos (Duch, 2021). Isso é dizer que é possível observar através de imagens a ativação de determinada área cerebral, como por exemplo: ao ser exposto ao consumo de doces, a área do cérebro responsável por recompensas parece ser ativada. Assim, a realização de estudos que determinem exatamente a área ativada durante a exposição às TC pode ser útil para angariar informações que garantam mais precisão nas políticas.

6. METODOLOGIA

Neste capítulo e seguintes, será abordado o estudo empírico realizado. Este trabalho será feito a partir da pergunta de partida: quais são as principais falácias lógicas utilizadas nas argumentações pró teoria da conspiração e como a cultura científica pode criar ferramentas para reduzir o conspiracionismo? As opções metodológicas tomadas foram as que adiante se explicam.

6.1 Design

Trata-se de um estudo descritivo observacional realizado em grupos de *Facebook*, sem distinção de país originário. Este estudo foi desenvolvido na Universidade de Lisboa, para o programa de Mestrado em *Cultura Científica e Divulgação das Ciências*, oferecido pelo Instituto de Educação, Faculdade de Ciências e Instituto de Ciências Sociais.

6.2 Fundamentação Teórica

Para a fundamentação teórica foram obtidos artigos científicos coletados nas seguintes bases de dados: *ScienceDirect*, *PubMed*, *Medline*, *Lilacs*, biblioteca *Cochrane*, *Jstor* e sites especializados no assunto. Para encontrar os artigos foram utilizados os seguintes operadores booleanos: “*conspiracy theories*”, “*intergroup conflict*”, “*online discussion*”, “*New World Order*”, “*rhetological fallacies*” e “*logical fallacies*”. Foram incluídos documentos sobre falácias de pensamento lógico, teoria da conspiração, e especificamente, a teoria da conspiração da Nova Ordem Mundial. Os documentos foram analisados e foram excluídos aqueles que apresentaram dados específicos de outras teorias da conspiração, de estudos feitos em animais, que foram publicados antes de 2003 e que tivessem algum tipo de conflito de interesses por parte dos autores.

Para o estudo empírico, através da observação não participante e da consequente recolha e sistematização de dados, foram coletadas postagens publicadas no *Facebook* ao longo de 123 dias (01.10.2022 a 01.02.2023). As postagens foram encontradas com base em buscas manuais pelas *hashtags* “#NOM” (referente à abreviação da Nova Ordem Mundial); “#NWO” (referente à abreviação de *New World Order*); #newworldorderagenda e #TheGreatReset. Além disso, foram incluídas postagens feitas dentro de grupos específicos da teoria conspiratória da Nova Ordem Mundial. Foram incluídos grupos sem distinção de país, número de membros e faixa etária dos membros.

Foram incluídos grupos públicos e privados e excluídos grupos dedicados a outras teorias conspiratórias.

O acesso aos grupos foi feito através de solicitação de participação, clicando no botão “Participar do Grupo”.

6.3 Participantes

Foram observados usuários da plataforma *Facebook* que fizeram publicações a respeito da grande área “Nova Ordem Mundial”, de forma única ou em *feeds* de grupos voltados para essa teoria da conspiração. A amostra foi selecionada através da localização de publicações contendo as *hashtags* ou etiquetas pré-selecionadas para esse estudo. Não houve randomização ou mascaramento dos participantes.

Foram incluídas pessoas de todas as identificações sexuais, idades, países, culturas e religiões.

Foram excluídos participantes que publicassem suas ideias em línguas além de inglês e português.

6.4 Análise de Dados

Foi investigada a frequência das seguintes falácias:

Tabela 4 - Lista das 53 falácias investigadas e suas definições

FALÁCIA	DEFINIÇÃO
Afirmção da consequência	Supor que existe apenas uma explicação para uma afirmação
Apelo à autoridade	Afirmar que algo é verdadeiro porque um 'especialista' não qualificado ou pouco confiável diz que é
Apelo à autoridade anônima	Usar a evidência de um 'especialista', 'estudo' desconhecido ou grupo generalizado (como 'cientistas') para declarar que algo é verdadeiro
Apelo à bajulação	Usar um elogio irrelevante para deixar passar uma sentença infundada, a qual é aceita em conjunto com o elogio
Apelo à composição	Assumir que características ou crenças de alguns ou todos os subgrupos se aplicam ao grupo inteiro

Apelo à crença popular	Declarar que algo é verdadeiro porque a maioria das pessoas acredita nisso
Apelo à divisão	Assuma que características ou crenças de um grupo se aplicam automaticamente a qualquer membro individual
Apelo à ignorância	Uma sentença é verdadeira simplesmente porque não foi provada falsa (ou falsa porque não foi provada verdadeira)
Apelo à incredulidade	Porque uma sentença é inacreditável, ela não deve ser verdadeira
Apelo à natureza	Fazer uma sentença soar mais verdadeira ao traçar uma comparação com o mundo "bom" e natural
Apelo à novidade	Supor que algo é melhor porque é novo ou mais atual
Apelo à piedade	Tentativa de induzir a piedade para manipular oponente
Apelo à prática comum	Dizer que algo é verdadeiro porque é comumente aceito
Apelo à probabilidade	Assumir que, porque algo poderia acontecer, aconteceria
Apelo à tradição	Declarar que algo é verdade porque (aparentemente) sempre foi assim
Apelo ao dinheiro	Supor que, se alguém é rico ou se algo é caro, então isso afeta a verdade da sentença
Apelo ao interesse pessoal	Desconsiderar um enunciado apelando a um viés pessoal contra o enunciador
Apelo ao medo	Um argumento que é feito para aumentar o medo e o preconceito contra a oposição
Apelo ao pensamento fantasioso	Sugerir que uma sentença é verdadeira ou falsa só porque você espera fortemente que o seja
Apelo ao ridículo	Apresentar o argumento de um oponente de forma que experimentou o absurdo
Apelo às consequências de uma crença	Argumentar que uma crença é falsa porque ela implica algo em que você prefere não acreditar

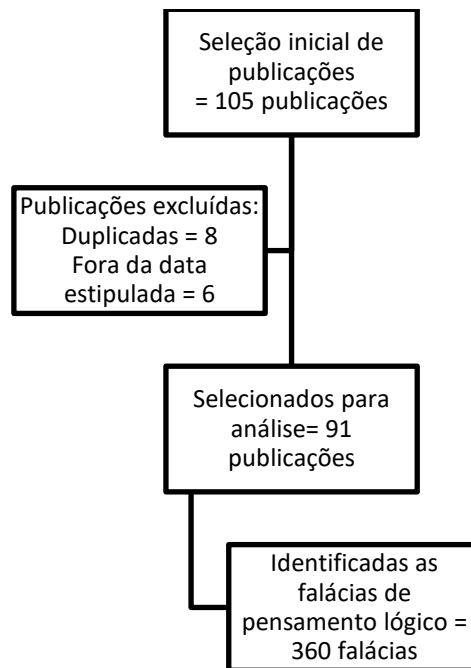
Conclusão precipitada	Derivar uma conclusão concluída sem considerar evidências relevantes (e facilmente disponíveis)
Cortina de fumaça/pista falsa	Introduzir material irrelevante ao argumento para distrair e guiar a uma conclusão premeditada
Cum hoc ergo propter hoc	Afirmar que dois eventos que ocorrem conjuntamente devem ter uma relação de causa e efeito (correlação = causa)
Duas afirmações erradas resultam em uma correta	Assumir que, se um erro for cometido, outro erro o cancelará
Evidência anedótica	Desconsiderar evidências de advingas de testagem ou levantamento sistemático em benefício de uma ou poucas histórias contrárias
Falácia ad hominem	Evite o argumento ao lançar um ataque irrelevante à pessoa e não a seu argumento
Falácia ad hominem circunstancial	Afirmar que um enunciado não é confiável somente pela causa dos interesses do enunciado
Falácia da cadeia catastrófica	Assumir que um primeiro passo levará, inevitavelmente, a uma cadeia de eventos (negativos) relacionados
Falácia da culpa por associação	Desacreditar uma ideia ou afirmação ao associá-la a uma pessoa ou grupo dependente
Falácia da evidência suprimida	Intencionalmente não utilizar informações relevantes e relevantes para contradizer uma conclusão
Falácia da infalseabilidade	Sustentar uma afirmação de que não pode ser provada como falsa por não haver maneiras de confirmar se ela é falsa ou não
Falácia da lógica circular	A conclusão se deriva de premissas embasadas na própria conclusão
Falácia da relativização	Rejeite uma sentença porque uma crença é sempre relativa a uma pessoa ou um grupo
Falácia da vivacidade enganosa	Descrever uma ocorrência com detalhes vívidos, mesmo que seja rara, para convencer alguém de que ela é um problema importante
Falácia de design	Assumir que algo é mais verdadeiro porque é bem desenhado ou belamente ilustrado
Falácia do espantalho	Crie uma caricatura distorcida ou simplificada do argumento de um oponente e argumentar contra ela

Falácia do falso dilema	Apresentar duas opções contrárias como as únicas opções e esconder as alternativas
Falácia do holofote	Assumir que uma observação de uma amostra pequena se aplica a todo o grupo.
Falácia do jogador	Assumir que o histórico de resultados afeta os resultados futuros
Falácia do ônus da prova	Não preciso provar minha afirmação - você deve provar que ela é falsa
Falácia do perfeccionismo	Rejeitar qualquer proposta que não funcione perfeitamente
Falácia genética	Atacar a causa ou origem de uma afirmação, em vez de atacar a própria afirmação
Generalização apressada	Derivar uma conclusão geral de uma amostra pequena
Generalização parcializada	Generalize a partir de uma amostra não representativa para aumentar a força do argumento
Generalização radical	Aplique uma regra geral muito abrangentemente
Ignorar uma causa comum	Afirmar que um evento deve ter causado outro, enquanto um terceiro evento (ignorado) é provavelmente a causa
Meio termo	Suponha que, porque dois argumentos opostos têm mérito, a resposta deve estar em algum lugar entre eles
Negação do antecedente	Não há apenas uma explicação para um resultado. Por isso, é falso assumir a causa com base no efeito
Post hoc ergo propter hoc	Afirmar que, porque um evento sucede outro, o primeiro é causa do segundo
Resgate ad hoc	Tentar salvar uma crença querida por meio de revisão contínua do argumento, para explicar e afastar os problemas
Viés de confirmação	Escolher como prova que apoia sua ideia e ignorar como prova contrária
Viés de confirmação	Escolher como prova que apoia sua ideia e ignorar como prova contrária

Fontes: (Bennett, 2015; Carey, 2011; Damer, 2008; Govier, 2018; Hamblin, 2022; Hurley, 2011)

Após coletadas as publicações, foram excluídas as publicações duplicadas, além das relativas a outras teorias da conspiração e das publicadas em idiomas que não fossem inglês ou português. Foram incluídas publicações que utilizassem as *hashtags* pré-selecionadas, além daqueles presentes em grupos específicos de fomento à teoria da “Nova Ordem Mundial” (Figura 4).

Figura 9 - Fluxograma descritivo da metodologia (Fonte: Autora)



Após a seleção do material que preenchesse os requisitos de inclusão, as informações contidas foram analisadas e foram indicadas as falácias de pensamento lógico. As falácias foram contadas digitalmente (através da tecla “localizar”) e depois, verificadas manualmente pela autora.

Para evitar perdas durante o processo, foram feitas capturas de tela de cada postagem. As mesmas foram alocadas posteriormente em uma planilha do Excel, que permitiu que cada falácia fosse identificada à esquerda da fotografia principal.

Após a identificação, as falácias foram dispostas em tabela segundo ordem de aparecimento (em porcentagem).

7. RESULTADOS

7.1 Extração dos dados

Os dados foram extraídos manualmente. Foram obtidas 91 capturas de tela, cada uma referente à postagem que seria analisada. As análises foram feitas sem a utilização de *softwares* ou qualquer tipo de automatização.

7.2 Principais dificuldades encontradas

Os usuários comumente postavam sobre muitos tópicos não relacionados ou até sobre outras teorias, mesmo dentro de grupos dedicados à teoria da NOM.

Outra dificuldade encontrada foi o excesso de propaganda dentro dos grupos, incluindo a venda de cursos (principalmente ofertados para “descobrir como identificar pessoas de elites dominadoras”), livros de autores conspiracionistas sobre a teoria e até vagas para se tornar *um* Illuminati. Essa publicidade acabava por reduzir o material útil de coleta.

7.3 Falácias identificadas

Foram identificadas 91 postagens, que contavam com um total de 360 falácias ($\sum x = 360$). Em todas as postagens selecionadas havia pelo menos 1 falácia identificada (3.95 ± 2.11).

Das 53 falácias de pensamento lógico selecionadas para este estudo, 36 foram identificadas (Tabela 2) e 17 delas não apareceram.

Tabela 5 – Quantidade de falácias identificadas nas postagens analisadas

Falácia	Número de vezes que apareceu
Apelo ao medo	55
Afirmção da consequência	54
Apelo ao pensamento fantasioso	33

Falácia da vivacidade enganosa	33
Conclusão precipitada	25
Falácia da cadeia catastrófica	25
Apelo às consequências de uma crença	16
Apelo à autoridade	15
Falácia da Lógica Circular	13
Evidência Aneódica	12
Viés de confirmação	12
Falácia da Infalsabilidade	10
Cortina de fumaça/pista falsa	8
Falácia da culpa por associação	8
Falácia da evidência suprimida	8
Cum Hoc Ergo Propter Hoc	7
Falácia da relativização	5
Apelo à autoridade anônima	4
Apelo à probabilidade	4
Generalização radical	4
Post Hoc Ergo Propter Hoc	4
Apelo à tradição	3
Apelo ao ridículo	3
Falácia do Holofote	3
Ignorar uma causa comum	3
Apelo à piedade	2
Apelo ao interesse pessoal	2
Apelo à composição	1
Apelo à crença popular	1
Duas afirmações erradas resultam em uma correta	1
Falácia do falso dilema	1
Falácia do jogador	1
Generalização apressada	1
Generalização parcializada	1
Intersecção mal interpretada	1
Negação do antecedente	1

As 4 falácias mais utilizadas pelo grupo analisado nesse estudo foram: apelo ao medo (55 vezes (15,27%)), afirmação da consequência (54 vezes (15,00%)), apelo ao

pensamento fantasioso (33 vezes (9,16%)) e falácia da vivacidade enganosa (33 vezes (9,16%)). O número completo de falácias pode ser observado na Tabela 3.

Tabela 6 - Falácias, suas incidências e % referente ao número total de falácias

Falácia	Número	% dentre o total de falácias
Apelo ao medo	55	15.27%
Afirmção da consequência	54	15.00%
Apelo ao pensamento fantasioso	33	9.16%
Falácia da vivacidade enganosa	33	9.16%
Conclusão precipitada	25	6.94%
Falácia da cadeia catastrófica	25	6.94%
Apelo às consequências de uma crença	16	4.44%
Apelo à autoridade	15	4.16%
Falácia da Lógica Circular	13	3.61%
Evidência Anekdotica	12	3.33%
Viés de confirmação	12	3.33%
Falácia da Infalsabilidade	10	2.77%
Cortina de fumaça/pista falsa	8	2.22%
Falácia da culpa por associação	8	2.22%
Falácia da evidência suprimida	8	2.22%
Cum Hoc Ergo Propter Hoc	7	1.94%
Falácia da relativização	5	1.38%
Apelo à autoridade anônima	4	1.11%
Apelo à probabilidade	4	1.11%
Generalização radical	4	1.11%
Post Hoc Ergo Propter Hoc	4	1.11%
Apelo à tradição	3	0.83%
Apelo ao ridículo	3	0.83%
Falácia do Holofote	3	0.83%
Ignorar uma causa comum	3	0.83%
Apelo à piedade	2	0.55%
Apelo ao interesse pessoal	2	0.55%
Apelo à composição	1	0.27%
Apelo à crença popular	1	0.27%
Duas afirmações erradas resultam em uma correta	1	0.27%
Falácia do falso dilema	1	0.27%

Falácia do jogador	1	0.27%
Generalização apressada	1	0.27%
Generalização parcializada	1	0.27%
Intersecção mal interpretada	1	0.27%
Negação do antecedente	1	0.27%
Apelo à bajulação	0	0%
Apelo à divisão	0	0%
Apelo à ignorância	0	0%
Apelo à incredulidade	0	0%
Apelo à natureza	0	0%
Apelo à novidade	0	0%
Apelo à prática comum	0	0%
Apelo ao dinheiro	0	0%
Falácia ad hominem	0	0%
Falácia ad hominem circunstancial	0	0%
Falácia de Design	0	0%
Falácia do espantalho	0	0%
Falácia do ônus da prova	0	0%
Falácia do perfeccionismo	0	0%
Falácia Genética	0	0%
Meio termo	0	0%
Resgate Ad Hoc	0	0%

Além da tabulação, o Gráfico 1 (Apêndice X) mostra de forma ilustrada a incidência das falácias retóricas coletadas durante esse estudo. No gráfico descrito, foram excluídas as falácias que não foram utilizadas nem uma vez.

Todos os resultados encontrados estão apresentados de forma resumida nas tabelas 2, 3 e gráfico 1. Ao cruzar esses dados ao número de postagens selecionadas (n = 91), foi possível encontrar alta incidência do uso de falácias retóricas, demonstrando ser de facto uma ferramenta comum utilizada pelos conspiracionistas.

Alguns exemplos são postagens com o seguinte conteúdo:

1. *“A ONU... ferramenta do apocalipse ocidental guiado”*, publicado em 19 de dezembro de 2022.
2. *“O sistema não vai investir nada em tecnologias para energia, alimentos, saúde, etc. Sabem do que está por vir, trabalham pelo que está por vir. Economizarão cada dólar e euro para atravessar essa passagem para o outro lado do reser provocado.*

Não existe política nem religião no ocidente. É tudo programado.”, publicado em 18 de dezembro de 2022.

3. “ ‘O SMART importa

Carros SMART

Telefones SMART

Cidades SMART

Casas SMART’

A palavra SMART se refere a “auto-monitoramento, análise e tecnologias de reporte”.

Uma ilusão inteligente de conveniência e segurança, mas que na verdade é sobre o monitoramento populacional e controle e vigilância digital.” – publicado em 14 de dezembro de 2022.

Salienta-se, mais uma vez, a importância de determinar as principais ferramentas utilizadas por conspiracionistas para convencer os pares, uma vez que esse conhecimento pode ser utilizado para o desenvolvimento de estratégias que têm como objetivo reduzir os efeitos das teorias da conspiração.

8. DISCUSSÃO

A importância de analisar o conteúdo dos discursos é indiscutível: conhecer os métodos de argumentação pode trazer a possibilidade de entender as tentativas de manipulação e, inclusive, aumentar as hipóteses de detecção de uma peça de desinformação, como é o caso das notícias falsas.

Porém, conhecer a importância não implica que essa seja uma tarefa fácil: analisar os discursos, principalmente os mais tendenciosos e apelativos é algo bastante complexo. O público que está exposto à mensagem pode ter dificuldades para interpretar falácias e discursos de ódio pela capacidade sutil, complexa e até lógica com o qual o discurso é construído (Macagno, 2022).

Isto não se aplica apenas a análises feitas por seres humanos. Embora as redes sociais remetam esforços para a detecção de *fake news*, muitas vezes o discurso é disfarçado de modo a burlar o reconhecimento do algoritmo, além da utilização de mensagens subliminares (Macagno, 2022). Durante esse estudo, corroborando com outros estudos, foram encontradas diversas tentativas de burla ao algoritmo, principalmente utilizando artifícios como a introdução de caracteres especiais nas palavras (por exemplo “vacina” > “v4c1n4”) e utilização de expressões alternativas no lugar de nomes comumente utilizados (por exemplo “os Illuminati” > “os poderosos”).

As argumentações podem ter vários objetivos, mas um dos principais é sem dúvidas a comprovação de um ponto de vista. Muitas vezes, para endossar seu ponto de vista, uma pessoa pode utilizar falácias lógicas, uma vez que esse tipo de argumentação, à primeira vista, remonta a algo que faz sentido. Sem o questionamento apropriado, as falácias podem conferir veracidade a um argumento errado, principalmente por fornecer respostas simples para problemas complexos.

Uma falácia lógica é um erro no raciocínio utilizado, geralmente para ligar duas ideias de forma a que pareçam conectadas. Segundo alguns autores, as falácias são uma quebra da coerência e da integridade das regras de argumentação (Sourati et al., 2023). De facto, este trabalho corrobora com essa afirmação, uma vez que é possível perceber que muitos dos argumentos são construídos a partir de conexões fantasiosas e sem provas. Além da criação de realidades paralelas, é muito comum encontrar apelos emocionais significativos no desenrolar das postagens.

Uma técnica utilizada para a manipulação são os discursos que invocam as emoções dos receptores, como a utilização de julgamento moral e a culpabilização por certos eventos a um determinado grupo. Embora discursos emocionados não sejam

sinônimo de falácias, muitas vezes são utilizadas para aumentar a credibilidade da argumentação e aumentar a identificação entre os simpatizantes da teoria (Macagno, 2022). Essa prática foi amplamente verificada durante as análises desse trabalho, sendo as principais falácias encontradas aquelas com maior capacidade de invocar sentimentos como insegurança, medo e pertença.

Este estudo mapeou postagens de redes sociais sobre a teoria da conspiração “Nova Ordem Mundial”. Segundo o nosso conhecimento, este é o primeiro trabalho que analisa as principais falácias utilizadas na argumentação conspiratória. Durante o desenvolvimento desse trabalho, nas 91 postagens incluídas, foram identificadas 360 utilizações de falácias, sendo que cada postagem veiculava em média 4. As falácias mais utilizadas dentro dos discursos foram o apelo ao medo, afirmação da consequência, apelo ao pensamento fantasioso e falácia da vivacidade enganosa. Ambas têm em comum a aterrorização sobre o futuro, a criação de uma realidade paralela assustadora e a necessidade de combate ao grupo que está “planejando as ações de controle”. Isso demonstra que o fenômeno de utilização de falácias existe e mais: que é bastante utilizado, principalmente na tentativa de embasar discursos que tragam emoções à tona.

Os estudos sobre teorias da conspiração são relativamente novos e precisam da construção de mais conhecimento, principalmente observadas as lacunas presentes no conhecimento, como foi possível observar no capítulo 5 desse trabalho. Durante a busca de materiais para a fundamentação teórica, foram observadas diversas limitações de conhecimento, demonstrando que esse campo ainda deve ser mais explorado. Além disso, é bastante importante entender como funcionam as conexões entre uma pessoa e suas crenças, principalmente em realidades paralelas e em conspirações.

Os motivos que levam um ser humano a endossar uma teoria da conspiração são muitos e já foram descritos na literatura. Este trabalho mostrou a execução desse endosso, com as principais linhas de argumentação que tinham como objetivo “alertar” ou corroborar a crença. Dentre as limitações, principalmente sobre a construção da linha argumentativa, está entender como o discurso é composto. Essa foi a lacuna que este trabalho buscou preencher: de que forma os discursos conspiratórios são embasados.

A partir desta investigação, foi possível identificar as principais falácias de pensamento lógico utilizadas no recorte de um período, em alguns grupos do *Facebook* dedicados à teoria da Nova Ordem Mundial. A identificação dessas falácias permite que as pessoas conheçam os principais erros de raciocínio e criem, a partir da cultura científica e do pensamento lógico, ferramentas que tenham como objetivo a

minimização da utilização das mesmas e possível redução da radicalização dentre os conspiracionistas. Sendo assim, quanto mais informações são angariadas sobre o *modus operandi* de pessoas que estão imersas nessas teorias, mais pontos de ação podem ser identificados.

Observou-se, no decorrer da pesquisa, que as principais ferramentas argumentativas utilizadas são as falácias de pensamento lógico, objeto de estudo deste trabalho. Como descrito por outros autores, existe a presença de pensamento conspiracionista: nada é por acaso e tudo tem uma razão (Farinelli, 2021; Molenda et al., 2023; Schöpfer et al., 2023). Também encontramos argumentações desse tipo durante as análises e, no caso dessa teoria em específico, tem o motivo da dominação global.

Outros autores já chegaram a conclusões similares quando afirmaram que a visão conspiracionista parece sempre estar no “limite” do tempo para a sobrevivência: ou todos sabem a verdade, ou o mundo está fadado a acabar. Muitas das alegações giram em torno da ideia de que nem tudo está perdido e se a verdade vier à tona, a tragédia pode ser combatida e o destino da humanidade pode mudar (Byford, 2011).

A crença em teorias da conspiração pode trazer graves consequências à sociedade, seja na redução dos cuidados de saúde, na geração de violência ou na eleição de governos com políticas públicas extremistas e prejudiciais (Bierwiazzonek et al., 2022; Coelho et al., 2022; Uscinski et al., 2022a; van Prooijen, 2022). Ao longo da investigação, ficou claro o posicionamento preocupado dos conspiracionistas quanto à existência de grupos/instituições a combater, principalmente aqueles de maior reconhecimento mundial como a OMS e a ONU. Assim como descrito por outros autores, este trabalho também encontrou discursos que estimulavam a violência e a não adesão à políticas públicas, principalmente no que diz respeito a políticas que deveriam ser aplicadas a nível populacional, como a utilização de máscara e a vacinação. Este tipo de investigações são relevantes, principalmente, na coleção de dados que permitam a criação de ferramentas de prevenção de crimes e da tomada de decisões prejudiciais à sociedade.

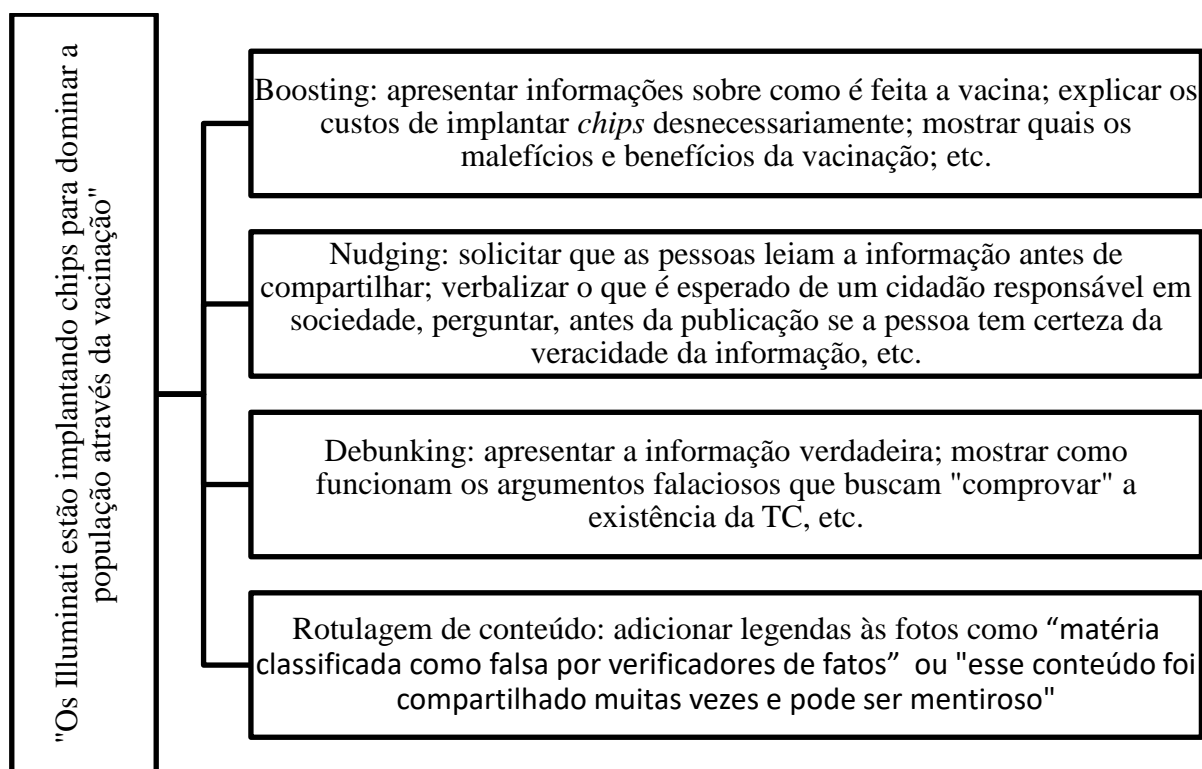
Sabendo que uma das ferramentas para a tomada de boas decisões é, justamente, a cultura científica, e que esta está baseada na literacia científica e no pensamento crítico, um bom modo de contrariar as argumentações falaciosas de conspiracionistas é colocando em causa aquilo que é dito. A imersão do maior número possível de pessoas na cultura científica é algo que pode contribuir para tal, uma vez que, ao receber uma informação falaciosa, o primeiro movimento será o questionamento e a busca por informações que sejam de facto baseadas em evidências.

Esta investigação sublinha ainda um desafio importante: sabe-se que quanto maior o pensamento crítico é menor o risco de conspiração. Logo, uma das soluções propostas é o treinamento do pensamento crítico. Porém, uma barreira importante são as características psicológicas dos dois grupos. Por um lado, os conspiracionistas exibem pensamento menos flexível e, por outro, as pessoas com maior pensamento crítico parecem ser mais abertas a novas experiências.

Dessa forma, devem ser planejadas ferramentas que encontrem as lacunas que permitam algum tipo de permeabilidade de pensamento aos conspiracionistas, de forma a introduzi-los em formas de pensamento crítico. Na verdade, quanto mais dados sobre as características psicológicas de não conspiracionistas e conspiracionistas a ciência conseguir, maiores as hipóteses de encontrar pontos em abertos e que podem ser explorados em prol da inserção do pensamento crítico.

Como visto anteriormente, existem diversas estratégias que podem ser utilizadas na tentativa de reduzir o conspiracionismo ou até diminuir seus efeitos colaterais. Tratam-se de técnicas utilizadas para prevenir, verificar, desmentir e empoderar uma pessoa que esteja frente a uma informação falaciosa ou uma teoria da conspiração. Conforme dissertado no subcapítulo “Estratégias de cultura científica no combate à desinformação”, o pensamento conspiracionista pode positivamente ser afetado pela cultura científica por várias frentes. Exemplos de estratégias seriam:

Figura 10 - Exemplos de estratégias anti-conspiração (Fonte: Autora)



Todas essas técnicas podem ser utilizadas de forma a beneficiar quem está recebendo a informação e diversos autores citam as mesmas como um ponto de virada para algumas pessoas – não todas (Roozenbeek et al., 2022). Novamente, não existe a melhor nem a pior, existe a mais adequada ao público ou até, as mais adequadas – uma vez que podem ser utilizadas em conjunto.

Novamente, a cultura científica é de extrema importância e é o meio mais eficaz para reduzir a incidência das teorias da conspiração: através do reconhecimento das linhas argumentativas utilizadas para manipular o discurso a favor das teorias da conspiração, teóricos e comunicadores podem desenvolver ferramentas para o combate delas. Seu reconhecimento pode permitir que os comunicadores saibam previamente com o que estão lidando, o que permite uma introdução mais eficiente da cultura científica através das estratégias citadas acima e exemplificadas na figura 5.

Sendo assim, a identificação dessas falácias pode servir para o desenvolvimento de materiais de combate, além de guias e manuais com base em evidências científicas para o manejo de argumentações pró teorias da conspiração. Sendo assim, seu reconhecimento, aliado à práticas de cultura científica e divulgação de ciências pode ser de grande valor para a construção de uma sociedade mais cética e crítica.

8.1 Limitações do estudo

Uma limitação desse trabalho é que o uso de falácias pode ser muito sutil e subjetivo, o que pode causar análises igualmente subjetivas. Isso propicia as análises à discordância, dependendo do avaliador.

Outra limitação é que nem todos os conspiracionistas se sentem à vontade para publicar suas ideias nos grupos de redes sociais e isso fica claro quando se observa que um mesmo autor cria várias postagens diferentes. Isso pode limitar os resultados, uma vez que é comum que cada pessoa tenha um modelo argumentativo baseado nas ferramentas e falácias que conhece.

Além disso, outros estudos devem ser realizados para corroborar, refutar ou complementar os dados desse documento.

8.2 Possíveis Soluções

Sabendo-se que o pensamento conspiracionista surge a partir de limitações emocionais e inseguranças, uma ferramenta interessante para reduzir o desenvolvimento de pensamento conspiratório, principalmente nas populações mais jovens, seria o aumento da autoconfiança. Esse aumento poderia ser incentivado, por exemplo, através do desenvolvimento de senso crítico e ceticismo, além de ensinadas ferramentas de busca de informação, principalmente as de base. Por exemplo, se mais pessoas soubessem sobre o desenvolvimento das vacinas dentro da indústria farmacêutica, sobre a metodologia de pesquisa envolvida na descoberta e no desenvolvimento de tecnologia, além de noções básicas de imunologia e fisiologia, grande parte das pessoas anti-vacinas se sentiriam mais confiantes para vacinar a si e aos seus. É possível observar que grande parte da argumentação surge a partir do desconhecimento de informações que são básicas, aliadas principalmente ao fundamentalismo religioso e à descrença nas autoridades. Essa equação tem como resultado uma população desconfiada e que utiliza percepções a partir da sua própria visão de mundo para tirar conclusões e tomar decisões. Um exemplo dessas intervenções de empoderamento seria, por exemplo, a introdução do tópico “pensamento crítico” logo das primeiras fases escolares – principalmente entre crianças de 6 a 8 anos, fase em que ocorre a transformação do pensamento e das emoções (Buttelmann & Karbach, 2017; DelGiudice, 2018). Isso pode garantir contatos precoces com a cultura científica e o questionamento de falácias/conspirações.

Outro ponto interessante é que pessoas mais excluídas, insatisfeitas, inseguras e infelizes parecem tender mais a se tornarem conspiracionistas. Assim, ferramentas que

mitiguem esses problemas podem ser úteis para a prevenção do pensamento conspiracionista. Um exemplo eficiente de abordagem seria o fortalecimento de políticas públicas voltadas para saúde mental: psicoterapia voltada para o autoconhecimento, criação de espaços de discussão e grupos de apoio. Espaços como esses abririam uma boa oportunidade para que as pessoas conseguissem desenvolver sua relevância social de forma construtiva.

Uma terceira solução seria a aplicação das estratégias de combate à desinformação, tal como citadas e elucidadas na figura 5. Treinar comunicadores e cientistas para que possam identificar com rapidez uma informação falaciosa e conspiracionista pode ser de grande valia para a redução do número de conspiracionistas. Além disso, poderiam ser criadas políticas públicas que dessem lugares de destaque nos grandes veículos de comunicação para pessoas dispostas a desenvolver o pensamento crítico e desenvolver a cultura científica na população. Esses são apenas alguns exemplos de ações que poderiam ser tomadas como técnicas para reduzir, de forma significativa, o recebimento de informações falsas e, conseqüentemente, seus efeitos colaterais.

CONCLUSÃO

Para o desenvolvimento desse estudo foram utilizadas postagens na rede social “Facebook”, de onde foram extraídas as principais falácias lógicas de argumentação utilizadas pelos usuários que fomentavam a existência da teoria da Nova Ordem Mundial.

Neste trabalho, buscou-se coletar as principais falácias de pensamento lógico utilizadas por conspiracionistas, com o objetivo de entender como a cultura científica pode reduzir esse tipo de fenômeno, uma vez que a radicalização dentro do grupo pode levar à ocorrência de crimes contra outros cidadãos.

Durante a produção desse trabalho, foi possível entrar em contato com argumentações que tinham como objetivo comprovar a existência de um plano maligno desenhado para a dominação global e, dentro desses argumentos, pontuar as principais falácias lógicas utilizadas. A pergunta de partida desse trabalho foi: quais são as principais falácias lógicas utilizadas nas argumentações pró teoria da conspiração e como a cultura científica pode criar ferramentas para reduzir o conspiracionismo? Como resposta a isso, foram identificadas não só as falácias, como sua incidência e foram explanadas as principais possibilidades da inserção da cultura científica. Foi possível delimitar as linhas argumentativas em torno da Nova Ordem Mundial e entender quais as maiores incidências de falácias, além de sugeridas estratégias de fomento à cultura científica que podem ser inseridas para a prevenção e desmistificação de pensamentos conspiracionistas. Sendo assim, foram atingidos os resultados esperados, uma vez que foram obtidos diversos materiais que permitiram a análise e extração dos dados desejados para a conclusão das principais linhas argumentativas utilizadas para o convencimento dos pares.

A utilização de falácias de pensamento lógico são uma prática bastante comum dentre os participantes de grupos de redes sociais dedicados à teoria da conspiração. O resultado foram 360 falácias em 91 postagens diferentes, resultando em uma média de 3.95 ± 2.11 falácias por postagem, sendo as mais utilizadas: apelo ao medo, afirmação da consequência, apelo ao pensamento fantasioso e falácia da vivacidade enganosa. Grande parte dessas falácias advêm da baixa literacia científica e da falta de pensamento crítico sobre as informações recebidas.

Sendo essas falácias muitas vezes obra da falta de pensamento crítico, o fomento da cultura científica pode ser uma boa ferramenta de treinamento para auxiliar que as pessoas, ao se depararem com uma informação falaciosa, se sintam capazes de questioná-la, angariar provas e se aproximar da verdade. Este trabalho infere que a melhoria da

capacidade de entendimento sobre ciência e a inserção das pessoas na cultura científica pode ser de grande valor para a redução da utilização de falácias, que têm como objetivo confirmar a existência dessa teoria da conspiração.

Este estudo possui algumas limitações formais: as análises realizadas podem apresentar alguma subjetividade; por outro lado, nem todos os conspiracionistas se sentem à vontade para realizar publicações, limitando os resultados, já que é comum que cada pessoa tenha um modelo argumentativo baseado nas ferramentas e falácias que conhece; por fim, nem todas as postagens do período foram adicionadas, uma vez que só foram selecionadas publicações em inglês e português.

O campo de estudos sobre as teorias da conspiração está em ascensão e, por isso, periodicamente são adicionados novos dados. Ainda assim, faltam investigações que respondam a alguns pontos chave: o que de facto se passa a nível orgânico, quais os gatilhos de virada para a crença em conspiração, entre outros.

Para concluir, é fundamental que a literacia científica, a cultura científica e o pensamento crítico sejam fomentados na sociedade, com o objetivo de providenciar ferramentas para a população questionar as notícias que recebe, o que pode reduzir a tendência de desenvolvimento de pensamentos conspiratórios. Este trabalho pode ser utilizado por outros cientistas para compreender o fenómeno do uso de falácias e consequentemente, desenvolver ferramentas de mitigação desse problema.

Sugere-se, graças à limitação desse estudo e as demais lacunas encontradas nessa grande área, que novos estudos sejam realizados com o objetivo de corroborar, refutar ou complementar os dados apresentados neste trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abacus Data. (2022). Trust & Facts: What Canadians Believe. In <https://abacusdata.ca/conspiracy-theories-canada/>. Abacus Data.
- Acevedo, N., Dienst, J., Romero, D., & Burke, M. (2022, May 15). 10 killed, 3 wounded in racist shooting at Buffalo supermarket, officials say. *NBC News*. <https://www.nbcnews.com/news/us-news/buffalo-supermarket-mass-shooting-leaves-7-dead-law-enforcement-source-rcna28883>
- Anwar, A., Malik, M., Raees, V., & Anwar, A. (2020). Role of Mass Media and Public Health Communications in the COVID-19 Pandemic. *Cureus*. <https://doi.org/10.7759/cureus.10453>
- Arriaga, P., Esteves, F., Pavlova, M. A., & Piçarra, N. (2021). Editorial: Coronavirus Disease (COVID-19): The Impact and Role of Mass Media During the Pandemic. In *Frontiers in Psychology* (Vol. 12). <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.729238>
- BALCH, R. W. (2006). THE RISE AND FALL OF ARYAN NATIONS: A RESOURCE MOBILIZATION PERSPECTIVE. *Journal of Political & Military Sociology*, 34(1), 81–113. <http://www.jstor.org/stable/45294187>
- Banco, L. M. (2020). Revelation, Secret Knowledge, and 9/11 Conspiracy Theory. In *Apocalypse in American Literature and Culture* (pp. 42–54). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/9781108663557.004>
- Bartlett, J., & Miller, C. (2010). The power of unreason: conspiracy theories, extremism and counter-terrorism. In <http://westernvoice.net/Power%20of%20Unreason.pdf>. Demos.
- BBC News. (2022, November 4). David Icke: Conspiracy theorist banned from Netherlands. <https://www.bbc.com/news/world-europe-63511142>.
- Beltrán-Velasco, A. I., Donoso-González, M., & Clemente-Suárez, V. J. (2021). Analysis of perceptual, psychological, and behavioral factors that affect the academic performance of education university students. *Physiology & Behavior*, 238, 113497. <https://doi.org/10.1016/j.physbeh.2021.113497>
- Bennett, B. (2015). *Logically Fallacious: The Ultimate Collection of Over 300 Logical Fallacies (Academic Edition)* (Ebookit.com).
- Bergmann, E. (2018). The Anatomy of Conspiracy Theories. In *Conspiracy & Populism*. https://doi.org/10.1007/978-3-319-90359-0_3
- Bierwiazzonek, K., Gundersen, A. B., & Kunst, J. R. (2022). The role of conspiracy beliefs for COVID-19 health responses: A meta-analysis. *Current Opinion in Psychology*, 46, 101346. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2022.101346>

- Blevins, J. L., Edgerton, E., Jason, D. P., & Lee, J. J. (2021). Shouting Into the Wind: Medical Science versus “B.S.” in the Twitter Maelstrom of Politics and Misinformation About Hydroxychloroquine. *Social Media and Society*, 7(2). <https://doi.org/10.1177/20563051211024977>
- Bodner, J., Welch, W., & Brodie, I. (2020). *Covid-19 Conspiracy Theories: QAnon, 5G, the New World Order and Other Viral Ideas* (McFarland & Company, Ed.).
- Břízová, L., Gerbec, K., Šauer, J., & Slegr, J. (2018). Flat Earth theory: An exercise in critical thinking. *Physics Education*, 53, 45014. <https://doi.org/10.1088/1361-6552/aac053>
- Brotherton, R. (2017). *Suspicious Minds: Why We Believe Conspiracy Theories*. Bloomsbury Sigma.
- Brotherton, R., & French, C. C. (2014). Belief in Conspiracy Theories and Susceptibility to the Conjunction Fallacy. *Applied Cognitive Psychology*, 28(2). <https://doi.org/10.1002/acp.2995>
- Buttelmann, F., & Karbach, J. (2017). Development and Plasticity of Cognitive Flexibility in Early and Middle Childhood. *Frontiers in Psychology*, 8. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.01040>
- Butter, M. (2020). *The Nature of Conspiracy Theories*. Polity Press.
- Butter, M., & Knight, P. (2023). *Covid Conspiracy Theories in Global Perspective* (Routledge). Routledge.
- Byford, J. (2011). The Anatomy of the Conspiracy Theory. In *Conspiracy Theories: A Critical Introduction* (pp. 71–94). Palgrave Macmillan UK. https://doi.org/10.1057/9780230349216_4
- Carey, S. S. (2011). *A Beginner's Guide to Scientific Method*. Cengage Learning. <https://books.google.co.uk/books?id=FpCuN68YUiYC>
- Coelho, P., Foster, K., Nedri, M., & Marques, M. D. (2022). Increased belief in vaccination conspiracy theories predicts increases in vaccination hesitancy and powerlessness: Results from a longitudinal study. *Social Science & Medicine*, 315, 115522. <https://doi.org/https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2022.115522>
- Cooper, J., & Carlsmith, K. M. (2001). Cognitive Dissonance. In N. J. Smelser & P. B. Baltes (Eds.), *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences* (pp. 2112–2114). Pergamon. <https://doi.org/https://doi.org/10.1016/B0-08-043076-7/01802-7>
- Damer, T. E. (2008). *Attacking Faulty Reasoning: A Practical Guide to Fallacy-Free Arguments*. Cengage Learning. <https://books.google.pt/books?id=-qZabUx0FmkC>

- DataReportal. (2022, August). *GLOBAL SOCIAL MEDIA STATISTICS*.
Datareportal.Com. <https://datareportal.com/social-media-users>
- DelGiudice, M. (2018). Middle childhood: An evolutionary-developmental synthesis. *Handbook of Life Course Health Development*, 95–107.
- Duch, W. (2021). Memetics and neural models of conspiracy theories. *Patterns*, 2(11), 100353. <https://doi.org/https://doi.org/10.1016/j.patter.2021.100353>
- Erokhin, D., Yosipof, A., & Komendantova, N. (2022). COVID-19 Conspiracy Theories Discussion on Twitter. *Social Media + Society*, 8(4), 20563051221126052. <https://doi.org/10.1177/20563051221126051>
- Farinelli, F. (2021). *Conspiracy theories and right-wing extremism – Insights and recommendations for P/CVE*.
- FBI. (2019). *Anti-Government, Identity Based, and Fringe Political Conspiracy Theories Very Likely Motivate Some Domestic Extremists to Commit Criminal, Sometimes Violent Activity*.
- Flores, M. (2022, May 30). *The New World Order: The Historical Origins of a Dangerous Modern Conspiracy Theory*. Center on Terrorism, Extremism, and Counterterrorism - Middlebury Institute of International Studies. https://www-middlebury-edu.translate.goog/institute/academics/centers-initiatives/ctec/ctec-publications/new-world-order-historical-origins-dangerous?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=wapp
- Foulkes, I. (2023). Conspiracy theorists led family to death in Switzerland. *BBC News*. <https://www.bbc.com/news/world-europe-65031382>
- González-Padilla, D. A., & Tortolero-Blanco, L. (2020). Social media influence in the COVID-19 pandemic. In *International Braz J Urol* (Vol. 46). <https://doi.org/10.1590/S1677-5538.IBJU.2020.S121>
- Govier, T. (2018). *Problems in Argument Analysis and Evaluation*. University of Windsor. <https://books.google.pt/books?id=pulfDwAAQBAJ>
- Hamblin, C. L. (2022). *Fallacies*. Advanced Reasoning Forum. <https://books.google.pt/books?id=0whlEAAAQBAJ>
- Harmon-Jones, E., & Mills, J. (2019). *An introduction to cognitive dissonance theory and an overview of current perspectives on the theory*. (pp. 3–24). <https://doi.org/10.1037/0000135-001>
- Hornsey, M. J., Bierwiazzonek, K., Sassenberg, K., & Douglas, K. M. (2023). Individual, intergroup and nation-level influences on belief in conspiracy theories. *Nature Reviews Psychology*, 2(2), 85–97. <https://doi.org/10.1038/s44159-022-00133-0>

- Hornsey, M. J., Pearson, S., Kang, J., Sassenberg, K., Jetten, J., Van Lange, P. A. M., Medina, L. G., Amiot, C. E., Ausmees, L., Baguma, P., Barry, O., Becker, M., Bilewicz, M., Castelain, T., Costantini, G., Dimdins, G., Espinosa, A., Finchilescu, G., Friese, M., ... Bastian, B. (2023). Multinational data show that conspiracy beliefs are associated with the perception (and reality) of poor national economic performance. *European Journal of Social Psychology*, *53*(1), 78–89. <https://doi.org/https://doi.org/10.1002/ejsp.2888>
- Hurley, P. J. (2011). *A Concise Introduction to Logic*. Cengage Learning. <https://books.google.co.uk/books?id=Ikp2dGWT5O4C>
- Imhoff, R., Zimmer, F., Klein, O., António, J. H. C., Babinska, M., Bangerter, A., Bilewicz, M., Blanuša, N., Bovan, K., Bužarovska, R., Cichocka, A., Delouvée, S., Douglas, K. M., Dyrendal, A., Etienne, T., Gjoneska, B., Graf, S., Gualda, E., Hirschberger, G., ... van Prooijen, J.-W. (2022). Conspiracy mentality and political orientation across 26 countries. *Nature Human Behaviour*, *6*(3), 392–403. <https://doi.org/10.1038/s41562-021-01258-7>
- Institute for Strategic Dialogue. (n.d.). New World Order. In <https://www.isdglobal.org/wp-content/uploads/2022/09/New-World-Order-ISD-External-August2022-.pdf>. Retrieved April 3, 2023, from <https://www.isdglobal.org/wp-content/uploads/2022/09/New-World-Order-ISD-External-August2022-.pdf>
- Jolley, D., Douglas, K. M., Leite, A. C., & Schrader, T. (2019). Belief in conspiracy theories and intentions to engage in everyday crime. *British Journal of Social Psychology*, *58*(3), 534–549. <https://doi.org/https://doi.org/10.1111/bjso.12311>
- Jolley, D., & Paterson, J. L. (2020). Pylons ablaze: Examining the role of 5G COVID-19 conspiracy beliefs and support for violence. *British Journal of Social Psychology*, *59*(3), 628–640. <https://doi.org/https://doi.org/10.1111/bjso.12394>
- Kähler, J., Hahn, I., & Köller, O. (2020). The development of early scientific literacy gaps in kindergarten children. *International Journal of Science Education*, *42*(12), 1988–2007. <https://doi.org/10.1080/09500693.2020.1808908>
- Kitayama, S., & Tompson, S. (2015). *Chapter Two - A Biosocial Model of Affective Decision Making: Implications for Dissonance, Motivation, and Culture* (J. M. Olson & M. P. Zanna, Eds.; Vol. 52, pp. 71–137). Academic Press. <https://doi.org/https://doi.org/10.1016/bs.aesp.2015.04.001>
- Ladini, R. (2022). Religious and conspiracist? An analysis of the relationship between the dimensions of individual religiosity and belief in a big pharma conspiracy theory. *Italian Political Science Review/Rivista Italiana Di Scienza Politica*, *52*(1), 33–50. <https://doi.org/10.1017/ipo.2021.15>

- Lauren E. Cagle. (2019). *The New World Order behind the green mask”: White nationalism, anti-semitism, and the Agenda 21 climate change conspiracy theory.*
- LEMAN, P., & Cinnirella, M. (2013). Beliefs in conspiracy theories and the need for cognitive closure. *Frontiers in Psychology*, 4.
<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2013.00378>
- Li, Y., & Guo, M. (2021). Scientific Literacy in Communicating Science and Socio-Scientific Issues: Prospects and Challenges. In *Frontiers in Psychology* (Vol. 12).
<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.758000>
- Lienesch, M. (2002). The Illusion of the Illuminati: the Counterconspiratorial Origins of Post-Revolutionary Conservatism. In W. M. Verhoeven (Ed.), *Revolutionary Histories: Transatlantic Cultural Nationalism, 1775–1815* (pp. 152–165). Palgrave Macmillan UK. https://doi.org/10.1057/9780230597594_10
- Liu, T., Guan, T., & Yuan, R. (2022). Can Debunked Conspiracy Theories Change Radicalized Views? Evidence from Racial Prejudice and Anti-China Sentiment Amid the COVID-19 Pandemic. *Journal of Chinese Political Science*.
<https://doi.org/10.1007/s11366-022-09832-0>
- Łowicki, P., Marchlewska, M., Molenda, Z., Karakula, A., & Szczepańska, D. (2022). Does religion predict coronavirus conspiracy beliefs? Centrality of religiosity, religious fundamentalism, and COVID-19 conspiracy beliefs. *Personality and Individual Differences*, 187, 111413.
<https://doi.org/https://doi.org/10.1016/j.paid.2021.111413>
- Lun, V. M.-C., Yeung, J. C., & Ku, K. Y. L. (2023). Effects of mood on critical thinking. *Thinking Skills and Creativity*, 47, 101247.
<https://doi.org/https://doi.org/10.1016/j.tsc.2023.101247>
- Macagno, F. (2022). Argumentation profiles and the manipulation of common ground. The arguments of populist leaders on Twitter. *Journal of Pragmatics*, 191, 67–82.
<https://doi.org/https://doi.org/10.1016/j.pragma.2022.01.022>
- Macklin, G. D. (2005). Co-opting the counter culture: Troy Southgate and the National Revolutionary Faction. *Patterns of Prejudice*, 39(3), 301–326.
<https://doi.org/10.1080/00313220500198292>
- McVeigh, R., & Estep, K. (2019). 2. The Ku Klux Klan in American History. In *Trump, the Klan, and the Mainstreaming of Resentment* (pp. 19–54). Columbia University Press. <https://doi.org/doi:10.7312/mcve19006-002>
- Michaelis. (2023). Falácia. In Editora Melhoramentos (Ed.), *Michaelis - Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*.

- Mitchell, A., Jurkowitz, M., Oliphant, J. B., & Shearer, E. (2020). Three Months In, Many Americans See Exaggeration, Conspiracy Theories and Partisanship in COVID-19 News. In *Pew Research Center*. <https://www.pewresearch.org/>.
- Molenda, Z., Green, R., Marchlewska, M., Cichocka, A., & Douglas, K. M. (2023). Emotion dysregulation and belief in conspiracy theories. *Personality and Individual Differences, 204*, 112042. <https://doi.org/https://doi.org/10.1016/j.paid.2022.112042>
- Moulding, R., Nix-Carnell, S., Schnabel, A., Nedeljkovic, M., Burnside, E. E., Lentini, A. F., & Mehzabin, N. (2016). Better the devil you know than a world you don't? Intolerance of uncertainty and worldview explanations for belief in conspiracy theories. *Personality and Individual Differences, 98*, 345–354. <https://doi.org/https://doi.org/10.1016/j.paid.2016.04.060>
- Olmsted, K. S. (2019). *Real Enemies: Conspiracy Theories and American Democracy, World War I to 9/11* (10th ed.). Oxford University Press.
- Peters, H. P., & Dunwoody, S. (2016). Scientific uncertainty in media content: Introduction to this special issue. In *Public Understanding of Science* (Vol. 25, Issue 8). <https://doi.org/10.1177/0963662516670765>
- Phadke, S., Samory, M., & Mitra, T. (2021). Characterizing Social Imaginaries and Self-Disclosures of Dissonance in Online Conspiracy Discussion Communities. *Proceedings of the ACM on Human-Computer Interaction, 5*, 1–35. <https://doi.org/10.1145/3479855>
- Pitcavage, M. (2022). *Murder & Extremism in the United States in 2022*.
- Ripp, T., & Röer, J. P. (2022). Systematic review on the association of COVID-19-related conspiracy belief with infection-preventive behavior and vaccination willingness. *BMC Psychology, 10*(1). <https://doi.org/10.1186/s40359-022-00771-2>
- Roozenbeek, J., Culloty, E., & Suiter, J. (2022). Countering Misinformation: Evidence, Knowledge Gaps, and Implications of Current Interventions. *European Psychologist, September*.
- Rutjens, B. T., & Većkalov, B. (2022). Conspiracy beliefs and science rejection. *Current Opinion in Psychology, 46*, 101392. <https://doi.org/https://doi.org/10.1016/j.copsy.2022.101392>
- Schmitz, R. M. (2016). Intersections of hate: Exploring the transecting dimensions of race, religion, gender, and family in Ku Klux Klan Web sites. *Sociological Focus, 49*(3), 200–214. <https://doi.org/10.1080/00380237.2016.1135029>
- Schöpfer, C., Abatista, A. G. F., Fuhrer, J., & Cova, F. (2023). ‘Where there are villains, there will be heroes’: Belief in conspiracy theories as an existential tool to fulfill

- need for meaning. *Personality and Individual Differences*, 200, 111900.
<https://doi.org/https://doi.org/10.1016/j.paid.2022.111900>
- Sourati, Z., Prasanna Venkatesh, V. P., Deshpande, D., Rawlani, H., Ilievski, F., Sandlin, H.-Â., & Mermoud, A. (2023). Robust and explainable identification of logical fallacies in natural language arguments. *Knowledge-Based Systems*, 266, 110418. <https://doi.org/https://doi.org/10.1016/j.knosys.2023.110418>
- Statista Research Department. (2022, June 14). *To what extent do you believe in the conspiracy theory that the Illuminati secretly control the world?* Statista.Com. <https://www.statista.com/statistics/959534/conspiracy-belief-illuminati-secretly-control-the-world/>
- Tennent, E., & Grattan, F. (2022). The anatomy of a conspiracy theory in Covid-19 political commentary. *Language in Society*, 1–22. <https://doi.org/10.1017/S0047404522000197>
- Thomas, E., & Zhang, A. (2020). ID2020, Bill Gates and the Mark of the Beast: How COVID-19 Catalyses Existing Online Conspiracy Movements. *Australian Strategic Policy Institute*.
- TikTok. (2023). *El anticristo messi*. <https://www.tiktok.com/discover/el-anticristo-messi>.
- Tran, H. (2013). Does exposure to online media matter? The knowledge gap and the mediating role of news use. *International Journal of Communication*, 7(1).
- United Nations Division. (1992). AGENDA 21. In *United Nations Conference on Environment & Development Rio de Janeiro, Brazil, 3 to 14 June 1992*. <https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/Agenda21.pdf>.
- UNRIC. (2018). *Guia sobre Desenvolvimento Sustentável*. Centro de Informação Regional Das Nações Unidas Para a Europa Ocidental. Centro de Informação Regional das Nações Unidas para a Europa Ocident
- Uscinski, J., Enders, A., Klofstad, C., Seelig, M., Drochon, H., Premaratne, K., & Murthi, M. (2022a). Have beliefs in conspiracy theories increased over time? *PLOS ONE*, 17(7), e0270429. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0270429>
- Uscinski, J., Enders, A., Klofstad, C., Seelig, M., Drochon, H., Premaratne, K., & Murthi, M. (2022b). Have beliefs in conspiracy theories increased over time? *PLOS ONE*, 17(7), e0270429. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0270429>
- Valladares, L. (2021). Scientific Literacy and Social Transformation. *Science & Education*, 30(3), 557–587. <https://doi.org/10.1007/s11191-021-00205-2>
- van der Linden, S. (2015). The conspiracy-effect: Exposure to conspiracy theories (about global warming) decreases pro-social behavior and science acceptance.

- Personality and Individual Differences*, 87.
<https://doi.org/10.1016/j.paid.2015.07.045>
- van Linden, S. L. D., Leiserowitz, A. A., Feinberg, G. D., & Maibach, E. W. (2015). The scientific consensus on climate change as a gateway belief: Experimental evidence. *PLoS ONE*, 10(2). <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0118489>
- van Prooijen, J. W., & Douglas, K. M. (2018a). Belief in conspiracy theories: Basic principles of an emerging research domain. *European Journal of Social Psychology*, 48(7). <https://doi.org/10.1002/ejsp.2530>
- van Prooijen, J. W., & Douglas, K. M. (2018b). Belief in conspiracy theories: Basic principles of an emerging research domain. *European Journal of Social Psychology*, 48(7). <https://doi.org/10.1002/ejsp.2530>
- van Prooijen, J. W., Krouwel, A. P. M., & Pollet, T. V. (2015). Political Extremism Predicts Belief in Conspiracy Theories. *Social Psychological and Personality Science*, 6(5). <https://doi.org/10.1177/1948550614567356>
- van Prooijen, J.-W. (2022). Psychological benefits of believing conspiracy theories. *Current Opinion in Psychology*, 47, 101352.
<https://doi.org/https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2022.101352>
- Wabnegger, A., Gremsl, A., & Schienle, A. (2021). The association between the belief in coronavirus conspiracy theories, miracles, and the susceptibility to conjunction fallacy. *Applied Cognitive Psychology*, 35(5). <https://doi.org/10.1002/acp.3860>
- Wang, Q., Zhao, L., Huang, R., Yang, Y., & Wu, J. (2015). Interaction of media and disease dynamics and its impact on emerging infection management. *Discrete and Continuous Dynamical Systems - Series B*, 20(1).
<https://doi.org/10.3934/dcdsb.2015.20.215>
- Wolf M. (2006). *Teorias da Comunicação* (8th ed.). Editorial Presença.
- Wood, M. J., & Douglas, K. M. (2013). What about building 7?" A social psychological study of online discussion of 9/11 conspiracy theories. *Frontiers in Psychology*, 4(JUL). <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2013.00409>
- Yacoubian, H. A. (2018). Scientific literacy for democratic decision-making. *International Journal of Science Education*, 40(3), 308–327.
<https://doi.org/10.1080/09500693.2017.1420266>
- YouGov. (2021). The Globalism Project - All countries. In *YouGov.co.uk*. YouGov - Cambridge Globalism Project.
- Yuan, J. (2022). What is scientific culture? *Cultures of Science*, 5(3), 124–127.
<https://doi.org/10.1177/20966083221118700>

Zhang, Y., Bian, Y., Wu, H., Tang, W., & Li, Q. (2023). Intuition or rationality: Impact of critical thinking dispositions on the cognitive processing of creative information. *Thinking Skills and Creativity*, 48, 101278.
<https://doi.org/https://doi.org/10.1016/j.tsc.2023.101278>

